

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA



PUC-SP

Denise de Cassia Evaristo Ferreira

O Real na clínica: *das Ding* e o objeto *a*

SÃO PAULO

2025

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**

CURSO DE PSICOLOGIA



PUC-SP

Denise de Cassia E. Ferreira

O Real na clínica: *das Ding* e o objeto *a*

**Trabalho de Conclusão de Curso
como exigência parcial para gradua-
ção no curso de Psicologia, sob ori-
entação da Profa. Dra. Irene Gaeta.**

SÃO PAULO

2025

Agradecimentos

Aos meus pais, pela aposta incondicional na minha (de)formação.

Ao meu avô por me ensinar a ler e ao meu pai que quis saber sobre o que li.

Ao meu pai que me transmitiu à lei.

À minha mãe que com suas piadas e risadas faz resistência, subversão à lei.

À Tatiana por me transmitir a cada sessão a dura dor de existir, não sem a Duras (M.D.).

Ao Paulo, pelas supervisões que me encorajam a uma aposta na escuta dos significantes, acima de qualquer diagnóstico.

À Clarissa por desde o primeiro (des)encontro me (en)caminhar ao Fazer Fórum.

À Teresa, pela iniciação à pesquisa e pela transmissão da importância da escuta dessa posição *das Unheimliche*, acima de qualquer cartilha narcísica do que é ser alguma coisa.

Ao Raul por ser *lacaniano* e ao Pedro por questionar esse ser, *não ser*?

À minha orientadora, Irene, pela paciência comigo. E com a pesquisa.

A Sil, Dani e Cris pelo cartel da Ética da Psicanálise, afinal, que desejo é esse?

A Lu, João Pedro, Bea colegas da angústia, diante os quais fico nua, a cada ato falho.

Ao Paulo, Maitê, Nat, João e Bel por me aceitarem desse lugar *das Unheimliche* na leitura do referido texto nas férias de 2021.

Ao Leozao, Vitória, Caio, Tha, Victor, Du, Nana, Nil, as Ama(n)das da minha vida e a Natalinha, amigos que me dão força e apoio.

Ao Felipe, semblante de objeto *a*, com quem venho aprendendo a sustentar um amor mais digno.

O REAL NA CLÍNICA: DAS DING E OBJETO *a*

7000.00.00-0 - CIÊNCIAS HUMANAS

7.07.00.00-1 – PSICOLOGIA

ORIENTADORA: PROFA. DRA. IRENE GAETA

ORIENTANDA: DENISE DE CASSIA EVARISTO FERREIRA

RESUMO

A presente pesquisa investigou o estatuto do objeto na psicanálise lacaniana em dois momentos: primeiro no Seminário sobre *A Ética da Psicanálise* com o resgate de *das Ding* do *Projeto para uma Psicologia Científica* e, então, com a formalização do objeto *a*. Buscou-se identificar as incidências teórico-clínicas da formalização do objeto *a* como causa de desejo no Seminário *A Angústia, livro X* para o lugar do analista na transferência. O artigo *Das Unheimliche* de Freud (1919) foi abordado como chave de leitura para o percurso de Lacan acerca da angústia, que não é sem objeto, sendo *a* o seu objeto. A metodologia utilizada consistiu em pesquisa teórica dos textos pertinentes à questão de pesquisa, bem como de comentadores, de modo que em um primeiro momento realizou-se uma revisão bibliográfica. Concluí-se que a clínica não é sem angústia, logo, o posicionamento do analista não deve ser o de aplacar a angústia, mas manejá-la de modo que o analisante possa reposicionar-se em relação aos seus objetos, de modo a abrir mão de seu gozo, fazendo da castração uma amiga.

Palavras-chaves: objeto *a*; *das Ding*; *das Unheimliche*; angústia.

Abstract

The present research investigated the object status in lacanian psychoanalysis during two periods: first in the seminar *The Ethics of Psychoanalysis* with the return to the *Project for a Scientific Psychology's das Ding*, and then in the formalization of the Object a. We aimed to identify the theoretical and clinical occurrences of the formalization of the Object a as cause of desire in the seminar *The Anxiety*, book X, to the placement of the analyst in the transference. Freud's *Das Unheimliche* (1919) was approached as reading key to Lacan's route through *Anxiety*, that is not without object, having a for its object. The chosen methodology consisted of theoretical research of the texts relevant to the question posed, as well as commentators, in such way that the in the initial moment was carried out a bibliographical review. We concluded that the clinical praxis isn't without *Anxiety*, so, the analyst's placement shouldn't aim to placate anxiety, but to manage it in a way that the patient can reallocate himself in respect to his objects, so that he/she can give up his or hers jouissance, befriending his/her castration.

Palavras-chaves: *object a; das Ding; das Unheimliche; anxiety.*

Sumário

1. Introdução	7
2. Metodologia	14
3. Capítulo 1. Das Ding: subversão ética	19
4. Capítulo 2. A estrutura da angústia	29
2.1 Das Unheimliche em Freud	34
2.2 A influência de das Unheimliche na composição da angústia	40
5. Capítulo 3. Analista dejetivo, causa o desejo	45
6. Considerações Finais	50
7. Referência Bibliográficas	53

1. Introdução

O início dos meus atendimentos clínicos em consultório particular causou-me querer saber sobre como devo me posicionar transferencialmente a partir do que vou escutando de meus pacientes; em outros termos, qual o lugar do analista na transferência? E ainda: qual o lugar da angústia no início e na direção do tratamento? Curiosidade que também me foi transmitida a partir da minha própria análise, pela qual venho aprendendo a extrair da angústia a sua certeza, de modo mais autoral. Noto que da queda de alguns ideais e objetos, fico diante do vazio e posso inventar como preenchê-lo, o que por sua vez também vai me possibilitando um lidar com as dificuldades próprias de escutar de outra maneira, deixando cair idealizações, sobretudo, a de *ser lacaniana*. Daqui emergem, já, as questões abordadas nesta pesquisa.

Lacan (1901-1981) foi um psicanalista francês que até o final de seu ensino e sua vida sustentou ser freudiano (*“sejam vocês lacanianos, se quiserem, eu sou freudiano”*), preocupado com o destino da Psicanálise após a morte de seu criador. Mas o que é a psicanálise? O tratamento dispensado por um psicanalista, diz Lacan em 1964¹. Mas como exercê-la? E, ainda, critica *“fala-se muito sobre psicanálise mas nenhum ensino trata do que é isso, cuida-se apenas de que ela seja conforme”*².

No escrito *A Situação da Psicanálise e formação do psicanalista em 1956*, Lacan registra sua preocupação com o modo como o *saber* do psicanalista vinha sendo mobilizado pelos pós-freudianos, que propunham que o *fim* de uma análise seria correlato à identificação com o “eu forte” do psicanalista. Se, por um lado, Lacan aponta a incoerência dessa ideia com a direção do pensamento freudiano, por outro, pelo menos trata-se de uma proposta para pensar a direção de uma análise.

O aforismo *wo Es war, soll Ich werden*, que Freud articula nas *Conferências Introdutórias à Psicanálise em 1915-17*, apontaria a direção de uma análise. Traduções utilizadas pelos pós-freudianos da chamada Psicologia do Eu indicam que “o eu deve desalojar o isso”, o que apontaria para construção de um eu forte que domi-

¹ Lacan, Jacques. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p. 10.

² Lacan, Jacques. *Proposição de 9 de Outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*, p. 250.

ne as pulsões. Aveso à prática analítica enquanto “pedagogia moral das pulsões”, Lacan faz questão de esclarecer que não se trata do *Ich* da segunda tópica freudiana³, até porque à época dessas conferências ela ainda nem havia sido elaborada, mas é em termos de sujeito que Freud articula seu aforismo. Desse modo, a tradução adequada do aforismo freudiano seria *aí onde isso era, o sujeito deve advir*, o que coloca em cena o sujeito do inconsciente.

Freud não chegou a estabelecer o que estaria em jogo na formação de um psicanalista, mas apenas sistematizou em *Recomendações ao Médico para o Tratamento analítico* as diretrizes da técnica analítica, explicitando a atenção equiflutuante como regra ao analista, a contrapartida da associação-livre proposta ao analisante. O analista *deve* escutar a fala de seu analisante sem, contudo, dirigir sua livre-associação. Não há nada mais além dessas duas regras técnicas para a prática analítica, segundo Freud.

Na perspectiva de Lacan, a IPA⁴ vinha transformando a Psicanálise em uma prática que tinha como finalidade a adaptação do indivíduo ao meio social, desviando-se, para tanto, dos fundamentos da psicanálise, a saber, o de inconsciente, pulsão, transferência e repetição. Assim, após não ter sido mais aceito como filiado à IPA e ter sua prática como psicanalista e formador questionada, em função do distanciamento da concepção norte-americana de fortalecimento do eu, do tempo variável de sessão e as discordâncias postas acerca da transferência, Lacan funda sua própria Escola.

Segundo Lacan (1945), a duração das sessões não deveria ser mensurável por um contrato, mas o tempo deve ser tomado tal como proposto no tempo lógico⁵, ou seja, como um evento significativo. A aposta do psicanalista francês é a de que existe uma estruturação temporal da verdade do sintoma, de modo que deve-se escandir as sessões, segundo a lógica que preside essa estruturação, dando ao analisante a chance de romper com o plano da identificação ao sujeito-suposto-saber.

³ A elaboração da segunda tópica freudiana pode ser localizada a partir de *O Eu e o Isso*, escrito em 1923.

⁴ A IPA (sigla em inglês para Associação Psicanalítica Internacional), instituição criada por Freud, tentou normalizar um processo de formação analítica sustentado no tripé análise pessoal, estudo e supervisão.

⁵ *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada* é o primeiro escrito de Lacan (1945) a abordar essa questão, articulando, temporalmente e segundo uma lógica do ato.

Além disso, a importância do que se ouve só se revela no *a posteriori* [*nachtraglich*]. Uma frase só-depois de terminada adquire um sentido que pode ser significantizado em retroação. É no só-depois da sessão que o analisante sente pressa em voltar a sessão anterior para fazer a conexão com os significantes. Nesse sentido, a transferência, o amor de transferência é uma relação ligada ao tempo e ao seu manejo, já que se trata do inconsciente em ação. O recalque na sua infinita repetição pega o analista fixando-lhe um significante desconhecido do sujeito, fazendo desse analista um parceiro do seu inconsciente.

Então, pensemos que o retorno crítico à Freud levou Lacan a dizer que o inconsciente é *estruturado como uma linguagem*, a fim de marcar os equívocos de uma análise pautada no eu e no seu fortalecimento. Agora, o que significa que o inconsciente se estruture como uma linguagem?⁶ Lacan, não sem a subversão de Lévi-Strauss, destaca a função do significante e sua primazia sobre o significado, conforme o matema (S/s). Ou seja, o significante não é o mesmo que ele significa, mas adquire seu valor e significação apenas por oposições, um significante só possui valor em relação a outro. Assim, o que interessa numa análise não é o significado de homem ou mulher mas ao que isso remete na cadeia associativa do sujeito. Em termos freudianos, a Outra cena, via régia para o inconsciente.

O significante, aquilo que representa o sujeito para outro significante, é o enquadramento da angústia - se é que há um enquadramento possível. E Lacan (1960/1998, p. 833) prossegue: *esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada*. Logo, o que define um significante S1 é que ele é um elemento identificável pela sua diferença com S2.

Então, a análise é essencialmente uma experiência de fala no campo da linguagem, de modo que esse ponto enigmático para o qual o sujeito sempre retorna em sua compulsão à repetição emerge na experiência da fala, em decorrência da demanda de análise dirigida a um analista. Contudo, o analista não deve deixar que sua escuta se transforme em algo do **familiar**, mas buscar uma posição de não-precipitação na clínica, deixar-se hibernar em estado contemplativo. Lispector

⁶ As leis da metáfora e da metonímia, que sustentam a ideia de o inconsciente ser estruturado como uma linguagem, presentificam tal articulação de forma absoluta. Freud (1900) as identificava como condensação e deslocamento desde sua Interpretação dos sonhos.

(1964/2020), no seu livro *a paixão segundo GH*, refletindo sobre seu novo modo de relacionar-se com os objetos, traz em sua narrativa: “tudo isso me deu um tom de pré-clímax de quem sabe que, auscultando os objetos, algo desses objetos virá que me será dado e por sua vez dado de volta aos objetos”.

Como escutar sujeitos em posição de objeto, de modo que algo do sujeito possa ser escutado? Seria o sujeito um desenvolvimento dialético do curso da análise? E o objeto, o que é isso para Freud? O autor vienense não chegou a estabelecer uma definição única e final em termos conceituais mas apresentou em suas obras uma série de noções que anunciam a riqueza e a variedade do uso do objeto na construção de sua teoria. Acompanhamos com Nelson da Silva (2001) uma lista não-exaustiva dessas noções:

Objektwahl (escolha de objeto), Determinierung des Objectwahl (determinação da escolha de objeto), Identifizierung als Vorstufe der Objektwahl (identificação como grau elementar da escolha de objeto), infantile Objektwahl (escolha de objeto infantil), inzestuöse Objektwahl (escolha de objeto incestuosa), homossexuele Objektwahl (escolha de objeto homossexual), Anlehnungstypus der Objektwahl (escolha anaclítica de objeto), narzisstische Objektwahl (escolha narcísica de objeto), Objektfindung (encontro do objeto), Objektbesetzung (investimento de objeto), Objekt-Libido (objeto de libido), Objekttriebe (objeto de pulsões), Objektliebe (objeto de amor), Objektwechsel (troca de objeto), Objektwerbung (recrutamento do objeto), Objektverzicht (renúncia do objeto), Objektverlust (perda do objeto), Objektvermeidung (ato de evitar o objeto) e Mutterbrust als erstes Objekt (seio materno como primeiro objeto) (SILVA, 2001).

Notamos, desde os primeiros embasamentos teóricos da psicanálise, diferentes possibilidades de leituras acerca da noção de objeto. Se em alguns momentos Freud confere materialidade a esse primeiro objeto, como se ele realmente houvesse existido naquela primeira experiência de satisfação, configurando um objeto perdido para o desejo do sujeito, em outros há uma leitura que sustenta que não há um objeto genital-terminal, vez que essa primeira experiência de satisfação é concebida como mítica.

No Seminário da *Relação de Objeto*, proferido nos anos de 1956-1957, Lacan dedica-se a criticar os teóricos das relações de objeto - como Melanie Klein, Donald Winnicott e Abraham - que se baseavam na noção de que haveria um objeto para o qual convergiriam as etapas parciais do objeto, o que, por sua vez, remete à ideia de uma maturação da relação do homem com a realidade em um objeto-genital termi-

nal. Nada mais absurdo à experiência analítica do que a ideia de adequar, normalizar, *harmonizar*⁷ o sujeito à realidade.

Os pós-freudianos ao se orientarem por uma concepção harmônica de objeto, para o qual convergeriam os estágios pré-genitais⁸ da pulsão até que se atingisse uma maturação-genital capaz de situar o homem em uma relação adequada com a realidade, tomam o desenvolvimento libidinal por etapas evolutivas, como houvesse uma maturação na genitalidade. O objeto *a* é introduzido na teoria lacaniana para reformular a concepção de objeto em Psicanálise, que vinha sofrendo desvios com a concepção pós-freudiana.

Afinal, que realidade seria essa para a qual o analista deveria adequar o sujeito? Já em 1953, Lacan (1981, p. 13) transmite que a realidade humana é constituída pelos três registros - simbólico, imaginário e real (SIR) - sem jamais considerá-los isolada ou evolutivamente, vez que os registros darão suporte a uma investigação teórica e clínica na qual cada um dos três estará sempre referido e articulado ao outro⁹. Lacan passa a referir-se à sua metapsicologia de bolso por RSI, ao invés de SIR, à medida que vai sofisticando sua definição de real (Faria, 2019, p. 9). Se em 1953, Lacan define o real como um limite ao simbólico, na altura de 1962-1963 é definido como o livro que falta na estante e em 1973 dirá que não há relação [*rappor*] sexual.

A partir da entrada em cena de *das Ding*, Lacan (1959-60) passa a abordar o real como uma instância necessária à construção de uma ética própria à psicanálise,

⁷ Esteticamente e em tom chistoso, isso seria o equivalente a fazer harmonização facial, como se houvesse um padrão harmônico de rosto a ser conquistado.

⁸ Primeiro as manifestações pulsionais se apoiam em experiências de excitação e satisfação em torno da boca, devido à importância da amamentação no contato inicial do bebê com a mãe; em seguida, o ânus passa a ser importante, quando a obtenção do controle esfinteriano é exigida da criança, inclusive, nesse momento sádico-anal há um predomínio da agressividade; então, a criança passa por uma introjeção da libido no “eu”, ação psíquica que forma o narcisismo primário, cujos objetos reais são substituídos por fantasias imaginárias, lembranças, uma forma da criança lidar com a falta. No auge do narcisismo inicia-se a fase fálica, os genitais ganham importância, e então, a castração, o Édipo como organizador da sexualidade humana, e ao seu final, o período de latência, em que há um redirecionamento dlibido que, dessexualizada e sublimada permite que a criança dirija seu interesse a atividade socializantes, constituindo assim uma identidade sexual.

⁹ Embora não pretendamos entrar na conceituação dos registros, a importância de mencioná-los enquanto metapsicologia lacaniana.

realizando não apenas uma modificação na direção da cura (que até 1958 se alicerçava numa posição simbólica do sujeito) passando a ser orientada pelo real, como também na conceituação de real que deixa de ser apenas um limite ao simbólico para também ser tomado como essa posição êxtima ao sujeito. Segundo Faria (2019, p. 21), esse refinamento teórico será fundamental para que o objeto *a*, adquira seu lugar como conceito central para investigação dos problemas relativos ao próprio real e à sua relação com a linguagem, tanto clínica como teoricamente.

Ao longo de seu ensino, Lacan formulou algumas ideias que elucidam como se daria e o que estaria em jogo na formação de um psicanalista, situando a falta-a-ser como política da psicanálise a partir de seu Seminário VII sobre a *Ética da Psicanálise*, proferido nos anos 1959-1960. Em um primeiro momento do ensino de Lacan, a falta é conceituada com o resgate de *das Ding*, ou a ‘Coisa’ no *Projeto para uma Psicologia Científica* do Freud (1895) e, então, com a formalização do objeto *a*:

No decorrer dos Seminários, seja a falta do objeto enfatizada, sejam os modelos de objeto concebidos pelos teóricos da relação de objeto contestados, é notável a insistência de Lacan em repetir que o objeto em Freud remete à falta. Repetição que acabará por lançá-lo no percurso entre sustentar a falta do objeto e conceber um objeto da falta. (DARRIBA, 2005)

O corte lacaniano não só precisa diferenças importantes quanto à direção da cura, como também assinala que a descoberta freudiana marca o ponto onde, como desejantes, somos objetos. Agora, o que significa que um objeto deseje? Reformulando: o que significa que um sujeito esteja colocado como desejante em posição de objeto? São perguntas que Lacan se propõe a responder no seu seminário do Objeto *a*, ora, a formalização lacaniana do aspecto econômico da metapsicologia freudiana.

Com *Além do Princípio do prazer* (APP), Freud (1920) produz um novo corte em sua metapsicologia, reformulando seu primeiro dualismo pulsional¹⁰. Não se trata mais da predominância do princípio de prazer-desprazer, mas de uma compulsão à

¹⁰ Importante mencionar que na obra de Freud podem ser reconhecidos dois dualismos pulsionais. O primeiro apresenta essa concepção de *pulsão* “próxima” de instinto, em seu aspecto biológico, compatível com um modelo malthus/darwiniano de vida, em que o conflito do psiquismo ocorre entre as pulsões do eu ou de autoconservação e aquelas de apoio, referentes à reprodução, ou seja, à manutenção da espécie. O seu segundo dualismo é introduzido com *Além do Princípio do prazer* (1920).

repetição. Mesmo a vivência de situações traumáticas, como os traumatismos de guerra, são passíveis de serem repetidos e dos quais é possível extrair prazer, evidenciando um excesso pulsional desvinculado de uma representação.

No inconsciente é possível, de fato, reconhecer-se uma compulsão à repetição das moções pulsionais, suficientemente forte para se impor ao princípio do prazer, conferindo caráter demoníaco a certos aspectos da vida anímica (Freud, 1919/2019, p. 79). Desse modo, a repetição de algo que deveria permanecer oculto retornou, podemos inferir que um sentimento de aterrorizante familiaridade está pairando no ar. De alguma forma, esse sentimento aterrorizante compõe a angústia, vez que é enquadrado que se situa seu campo, ou seja, da relação da cena com o mundo. De modo “súbito”, “de repente” são expressões encontradas no momento de entrada do fenômeno *unheimliche* que equivale à cena a que isso se propõe, permitindo que aquilo que no mundo não pode ser dito, surja.

Qual o papel integrante dessa extimidade que é *das Unheimliche* na compreensão e composição da angústia? Interessante notar que se o *unheimlich* é um sentimento aterrorizante, a angústia é um afeto que não engana. Lacan (2005, p. 19) menciona que assim como abordou o inconsciente através do *Witz*, abordará a Angústia pelo *Unheimlichkeit*, ou seja, será sua chave de leitura.

De saída, Lacan (2005) menciona que angústia é quando algo aparece no lugar que deveria haver a falta na imagem desejada, de modo a manter esse lugar sempre vazio. Quando algo vem a se expressar no lugar da falta, é porque a falta vem a faltar, logo, angústia. Como mencionado anteriormente a falta une as noções de *das Ding*, objeto *a* e *das Unheimliche*. De modo que, o objetivo geral dessa pesquisa é o de identificar as incidências teórico-clínicas da formalização do objeto *a* no Seminário *da Angústia para o lugar do analista na transferência* e os objetivos específicos deste trabalho são: a) Investigar as influências da palavra-conceito *das Unheimliche* na construção do objeto *a* e na compreensão da angústia; b) Identificar em que medida o objeto *Das Ding do seminário da ética da psicanálise se aproxima do* objeto *a* enquanto causa de desejo, tal qual conceituado no seminário *da angústia*.

2. Metodologia

O presente trabalho consistirá em pesquisa teórica dos textos, articulação e interpretação dos conceitos pertinentes à questão de pesquisa. Inicialmente, será realizada uma pesquisa extensa na bibliografia que discute os temas eleitos na teoria freudiana e lacaniana para, em seguida, realizar-se uma pesquisa nos textos dos comentadores.

Segundo Freud (1912/2017, p. 97), em *psicanálise, tratamento e investigação coincidem*, o que implica exercitar os conceitos em confronto e solidariedade com o fazer psicanalítico. E prossegue, contraindicando abordar o caso cientificamente antes que ele tenha sido finalizado, pois deve-se proceder nos tratamentos sem concepções. O caso não deve vir para comprovar uma hipótese, mas a hipótese deve ser construída a partir do caso, produzindo articulações entre a *práxis* analítica e o inconsciente pela via da pesquisa.

De modo dialético, as discussões teóricas alimentam a clínica e a clínica, por sua vez, sustenta a Teoria, já que se trata de um método de interpretação aberto às reconsiderações teóricas a partir da *práxis* clínica, obrigando a uma continua retomada dessa e de outras invenções na psicanálise. Neste sentido, o próprio criador da Psicanálise esteve sempre revendo os seus posicionamentos clínicos a partir de sua *práxis* clínica, dando abertura para diferentes leituras das noções de transferência e objeto. Vale mencionar que a noção de objeto no *Caso Schreber*, publicado em 1911, é diferente da presente em *Luto e Melancolia*, de 1917, e *Introdução ao Narcisismo*, de 1914, onde Freud se pauta por uma concepção menos desenvolvimentista e totalizante de objeto.

Contudo, questionamos de que modo clínica, pesquisa e teoria se articulam quando a clínica não comparece de forma direta e explícita? Mesmo quando não há relato de caso, não se trataria de uma pesquisa puramente teórica, mas sim de uma pesquisa em psicanálise, o que é diferente. O clínico-pesquisador fala de um lugar. De analista, ainda que praticante.

Inclusive, essa pesquisa se inicia a partir de indagações de uma analista praticante e em *deformação* por sua análise. Na pesquisa em psicanálise há uma mar-

gem de liberdade e criação implicada na pesquisa, podendo o sujeito-pesquisador escolher seus pressupostos e sua metodologia dentro de um universo que comporta concepções legitimadas de pesquisa, sendo que nenhuma delas é hegemônica. Para ELIA:

Toda pesquisa em psicanálise é clínica porque, radical e estruturalmente, implica que o pesquisador-analista empreenda sua pesquisa a partir do lugar definido no dispositivo analítico como sendo o lugar do analista, lugar de escuta e sobretudo de causa para o sujeito, o que pressupõe o ato analítico e o desejo (ELIA, 2000, 18).

Ou seja, a objetividade não é o norte na pesquisa em psicanálise, vez que desde sempre se tratou de incluir o sujeito do pesquisador na pesquisa. Neste aspecto, a psicanálise não é uma ciência positivista, trata-se de um método que rompe com paradigmas modernos acerca do que é a pesquisa e do que é a ciência, subvertendo este campo na medida em que coloca em cena o subjetivo, pelo viés do sujeito, justamente o que foi foracluído pela ciência desde Galileu e Descartes. Nas palavras de Elia (2000, p. 21): “(...) a psicanálise constitui um saber inteiramente derivado porém não integrante do campo científico porquanto resulta de uma operação de ‘subversão’ desse campo pelo viés do sujeito (...)”

Freud, de fato, considerava a psicanálise inscritível na problemática da ciência, ao mesmo tempo em que trabalhava com uma analogia entre trabalho científico e trabalho psicanalítico. Neste aspecto, buscamos articular os três eixos da clínica: tratamento, pesquisa e teoria partindo do princípio de que esses aspectos são inseparáveis, conforme já colocado por Freud (1912/2017). Embora não se trate de restringir a pesquisa ao contexto clínico, a psicanálise será utilizada como método de investigação do mal estar.

Lacan, com os instrumentos teóricos de que dispunha em seu contexto, pôde fazer passo a descoberta freudiana do inconsciente, caminhando para-além da busca de Freud pelo reconhecimento da psicanálise como ciência, de maneira que a questão “a psicanálise é ciência?” pôde virar ao avesso: “Que [noção de] ciência poderia incluir a psicanálise?” (Elia, 2000, p. 20). Trata-se de uma questão que, inclusive, interroga o lugar do inconsciente, objeto de estudo da psicanálise, na ciência.

Partindo dessa premissa, objetiva-se realizar o presente trabalho a partir do método de pesquisa teórica dos textos lacanianos, freudianos e de comentadores pertinentes à questão de pesquisa: investigar as incidências teórico-clínicas da for-

malização do objeto *a* como causa de desejo no Seminário *A Angústia, livro X* para o lugar do analista na transferência. A transferência implica o analista de alguma maneira, a questão é saber de que maneira e como não responder ao pedido amoroso que o candidato a analisante lhe endereça. O que Lacan formaliza com objeto *a* fora outrora conceituado como *das Ding* no seminário sobre a *Ética da Psicanálise*, Livro VII, em que Lacan passa a abordar o objeto por seu aspecto real, bem como de causa e vazio.

No primeiro capítulo voltaremos ao *Projeto Para uma Psicologia Científica* de Freud (1895) para compreender a apropriação lacaniana de *das Ding* no seminário sobre a *ética*. Interessante notar *das Ding* como subversão ética, o real. No centro da *ética da psicanálise* Lacan coloca *das Ding*, como o próprio real na sua vertente de vazio, “esse *das Ding*, essa Causa” e na *proposição de 9 de outubro de 1967* adverte que “existe um Real em jogo na própria formação do psicanalista”, o que eu fui entendendo na própria carne. Como não poderia deixar de ser, esse Real faz parte do funcionamento dos dispositivos de Escola - o Cartel e o passe, o que se por um lado é causa de trabalho, por outro, também é de muitas atrapalhões, que exigem um trabalho constante de re-invenção.

No que concerne ao segundo capítulo, buscamos trabalhar o artigo *Das Unheimliche* de Freud (1919), na medida do possível; primeiro, foi realizada uma leitura freudiana, a partir da edição bilíngue comentada da Autêntica. Para elaboração deste capítulo, além da leitura do referido artigo de Freud, utilizamos os artigos-comentários de Iannini e Tavares “Freud e o Infamiliar”¹¹ e o de Christian Dunker “Animismo e indeterminação” em “Das Unheimliche”. Além disso, “Os desdobramentos de Infamiliar em Freud e Lacan”, de Rodrigo Gonsalves nos causou a investigar o conceito como um operador-clínico e, acrescentaríamos, ético da escuta.

Vale mencionar que perguntas já presentes do início da clínica, bem como da escuta de cenas *das Unheimliche*, como de uma possível paciente que tempona o furo. da existência via prática masoquista no BDSM. Durante uma sessão¹² sua fala arranha meus ouvidos: “*apanhei tanto que de joelhos, cai no chão, o Antonio come-*

¹¹ Apesar de muito interessantes, não concordamos com a tradução de *das Unheimliche* pelo neologismo infamiliar, como já mencionado optamos pelo incômodo da não-tradução. Além disso, apenas mais recentemente tivemos acesso a tradução por incômodo, conforme traduzido pela editora Blucher, leitura que pode ser causa de novas interrogações.

¹² Não de BDSM, mas de psicanálise ou de psicoterapia, nunca se sabe.

çou a me incomodar transformou-se num estranho, antes mesmo de cair, senti que já não o conhecia mais.” O que importa, não é a cena, mas o que do desejo resta por trás da cena? O próprio *a*, objeto causa.

Já os comentadores que nos pareceram interessantes, sobretudo para a formulação do segundo capítulo, foram: *Seminário A Angústia, de Jacques Lacan* da Coletet Soler; e, *Gozo na experiência e teoria psicanalítica* do Néstor Braunstein. Buscamos relacionar a estrutura da angústia com a do objeto *a*. Segundo Elia (2002, p. 35-36), não é por acaso que este corte na teoria lacaniana, atrelado ao desdobramento da noção de real, esteja presente no Seminário sobre a Angústia, uma vez que “(..) os ‘efeitos de real’ da experiência do saber do inconsciente afetam inflexivelmente a elaboração de um ensino que se abriu a essa experiência” Como angústia e objeto *a* se articulam? Quais as influências de *das Unheimliche* na composição e compreensão da angústia? E, por fim, o analista como objeto-causa. De desejo.

No terceiro capítulo juntamos elementos para parcialmente responder quais as consequências clínico-teóricas dessa virada conceitual do objeto em sua versão real, conforme Lacan nos apresenta no *Seminário da Angústia*, para o lugar do analista na transferência. O termo *causa* indica de saída uma concepção de objeto não substancializada, mas já com a marca da falta. Para exemplificar essa diferenciação que Lacan faz entre os objetos comercializáveis, os que ficam na frente do desejo e o que fica por trás, causando seu movimento, recorreremos “*Aos Fragmentos de um Discurso Amoroso*”, do Roland Barthes. A escolha de objeto amoroso na neurose, que é sempre um suporte do parceiro inconsciente, *a*. Diferindo, portanto, dos objetos eleitos pelo sujeito em sua fantasia, os quais serão alvos da libido.

Para essa empreitada, foi realizada uma revisão bibliográfica em diferentes plataformas digitais de pesquisa, tais como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Oasisbr, SciELO e Google Acadêmico a partir das palavras: objeto *a*; causa de desejo; *Das Ding*; *Das Unheimliche*; Angústia; Real. As dissertações encontradas, aquelas que serviram de base para construção dessa pesquisa foram, sobretudo: *os desdobramentos do Infamiliar em Freud e Lacan*, de Rodrigo Gonsalves; *o despertar do real: a invenção do objeto a* de Luiz Fernando Botto Garcia; *O conceito de real em Lacan: de Das Ding ao objeto a* de Julia Araújo Gomes, tendo em vista que todas as pesquisas mencionadas se propuseram a pensar a construção do *objeto a* de Jacques Lacan com a devida honestidade teórica. Já os artigos

escolhidos, foram: *a noção de objeto na psicanálise freudiana* de Nelson da Silva Junior; *A falta conceituada por Lacan: da coisa ao objeto a* de Vinicius Darriba; *Transferência: amor ao saber* de Gilberto Gênova Gobbato.

3. Capítulo 1. *Das Ding*: subversão ética

Após a investigação das teses contidas na obra de Freud (1930), *O Mal-estar na Cultura*, Lacan (Lacan, 1959-60/2008, p. 373), tratando da ética analítica, enuncia: *Não cedas quanto ao teu desejo*, colocando o desejo no cerne da experiência analítica, uma vez que a vida social se funda numa renúncia, e o saldo subjetivo disso é um *resto* que perturba a equação, tornando o mal-estar estruturalmente incontornável. Neste período, o ensino de Lacan é marcado pela *proposta de retorno crítico a Freud*, preocupado com o sentido da descoberta freudiana, que considera perdido com os pós freudianos¹³.

Em seu Seminário proferido nos anos 1959-1960, Lacan (1959-1960/2008) promove o exercício de contrapor ao campo irreduzível da falta, desde a justa-medida da ação ou, em outros termos, a ética da eudaimonia de Aristóteles, até o conceito kantiano de vontade autônoma, passando pelo utilitarismo de Bentham e pela máxima do gozo absoluto do marquês de Sade. Contudo, neste trabalho de conclusão de curso, porque fizemos algumas escolhas, não nos propusemos a abordar estes temas.

Lacan (ibid, p. 12) enuncia: *nossa experiência conduziu-nos a aprofundar mais do que jamais fora feito antes de nós, o universo da falta*; e, salienta: *a atração da falta*. Mas que falta será essa se não aquela que favorece a função fecunda do desejo quando aparece na experiência analítica? Ou seja, na contramão dos teóricos da relação de objeto que reduzem as origens paradoxais do desejo à harmonia dos estágios pré-genitais em um objeto genital-terminal, para Lacan, a dimensão do desejo passa a operar não pela presença do objeto mas por sua falta.

Para tanto, Lacan propõe uma ética própria à psicanálise com o resgate de *das Ding* ou 'A Coisa' do Projeto para uma Psicologia Científica [*Entwurf*] de Freud. Neste texto¹⁴, Freud sistematiza um aparelho de memória inconsciente, a partir de três grupos de neurônios: percepção – Φ , memória – Ψ , e consciência – ω , pautado

¹³ Acompanhar discussão na introdução.

¹⁴ Aqui, vale uma ressalva: o *Entwurf* não será trabalhado em sua totalidade, mas apenas na medida do necessário para alcançar o sentido de *das Ding* nos termos freudianos para então *compreender* a apropriação lacaniana do conceito.

no modelo da neurofisiologia. Dentre os neurônios referidos pelo autor, há um que é comum e inalterado tanto na catexia do desejo quanto da percepção, o qual é nomeado de *a*, e que está associado às representações-lembranças, sendo primeiro intitulado de *coisa* e depois referido como *das Ding*, ou *a Coisa* (Garcia, 2015).

Em seu retorno aos trilhamentos neuronais representados por Freud, Lacan, pensa-os como encadeamentos de significantes, caracteriza o neurônio *a* como um oco que resta apartado dos trilhamentos, que por sua vez o contornam. A condição de possibilidade da linguagem é a delimitação da ‘Coisa’ como inacessível em sua mais primitiva origem, um furo no real introduzido pela modelagem do significante. Assim, segundo Cottet:

Freud escapou à sedução que o “misterioso inconsciente” já exercia sobre outros. Por ter seguido a histérica até o fim, não cedeu à embriaguez do sentido sexual, e graças a isto pôde introduzir o discurso analítico na ciência, dando primazia, em última instância, ao real e ao acaso sobre a hermenêutica. O que de fato chamou de “pulsão de morte” põe limites ao gozo do sentido, perseguindo até o fim o saber que se deve produzir para não fazer a psicanálise depender apenas da causa fálica. (COTTET, 1989, p. 189)

Como já mencionado anteriormente, Freud (1920) chamou o núcleo traumático do sintoma de *Além do princípio de prazer (APP)*, já Lacan (1959-60) o chamou de Coisa, depois de objeto *a*, que, como diz Lacan a *re-petição é o pedido de uma satisfação que por jamais ser alcançada repete-se indefinidamente*. A pulsão de morte opera um esfacelamento do trabalho psíquico, sem a perda das marcas significantes próprias à pulsão.

O segundo dualismo pulsional admite que há uma destrutividade inata ao homem que se mescla à pulsão de vida, como por exemplo, tanto o masoquismo quanto o sadismo implicam uma agressividade mesclada a pulsões eróticas. A partir de variações nas proporções e nos lugares de (re) fusão pulsional, pode-se gerar fenômenos ditos normais ou patológicos.

O “quantum” de investimentos pulsionais determina aquilo que no mundo tem existência para o ser e no ser, constituindo a estrutura do sujeito, ou seja, a pulsão é anterior ao próprio aparelho psíquico, ela é o elemento de ligação entre o corpo e o

psíquico. Dito de outra forma, a pulsão está na base dos processos que determinam os modos como as pessoas amam, desejam e sofrem.

O princípio do prazer vale para Freud pelo menos até 1920, então com APP, a pulsão é redefinida como uma tendência inerente a todo organismo vivo de retorno a uma situação anterior à vida orgânica. Esta seria a pulsão de morte, ainda que houvesse uma pulsão de retorno aos momentos posteriores ao nascimento, pulsão de vida, ambas exemplificariam fenômenos psíquicos que desobedecem ao princípio do prazer, levando Freud (1920) a reformular o seu dualismo pulsional. A ligação com *Eros* possibilita a descarga da pulsão de morte, direcionando-a para fora do indivíduo. Contudo, há um resto que permanece constituindo o masoquismo originário.

Ainda assim, “o prazer se articula sobre os pressupostos de uma satisfação, e é impelido por uma falta (*manque*), que é da ordem da necessidade, que o sujeito envereda em suas malhas, até fazer com que surja uma percepção idêntica àquela que deu satisfação pela primeira vez” (LACAN, 2008, p. 266).

Essa falta [*manque*] é *das Ding*, constante que diz tanto do desejo, via lembrança, quanto da percepção, sem pertencer diretamente a nenhum dos dois. A falta, nos termos de *das Ding*, é anterior ao recalque e remete a um termo fora da cadeia significante e do significado, mas em que se assenta a busca do objeto como exterior inassimilável na experiência, sendo apenas designada, jamais tocada, situado-se na origem da experiência do desejo e de um suposto *real*, que é necessário à construção de uma ética própria à psicanálise.

Porque a castração está incluída nesse objeto, já que se trata de um objeto impossível, que tem como acessível apenas as suas coordenadas de prazer é, então, o recurso chave que Lacan utiliza para operar na demarcação dos impasses da ética. A impossibilidade do (re)encontro com *das Ding* é um fato de estrutura que marca um furo anterior ao sujeito. O objeto falta, o que indica que a falta favorece a função fecunda do desejo. Não há objeto que satisfaça o desejo, deseja-se no infinitivo, em puro deslizamento metonímico, falta-a-ser. O princípio de realidade vem para separar os signos internos ao aparelho psíquico, ligados às imagens de percepção do objeto, das imagens de lembrança a fim de garantir a satisfação.

Nota-se que a noção de *das Ding* em Freud é construída a partir da problemática que envolve as noções de princípio de prazer e princípio de realidade. Em

1895, Freud elabora o princípio de prazer como aquele responsável em evitar o desprazer, proporcionando a satisfação de necessidades via descarga da tensão interna ao aparelho psíquico, que alucina o objeto desejado para manter inalterada a diferença entre atividade e repouso. Segundo a teoria dos neurônios, em particular dos neurônios de percepção, cujo objetivo é manter no organismo a homeostase, o equilíbrio que se apoia na noção de quantidade (Q), entendida como o que diferencia atividade e repouso. A tendência do organismo seria a de manter inalterada essa diferença entre atividade e repouso.

Em 1959, Lacan (2008, p. 67-68). afirma: “Não é ele que reencontramos, mas suas coordenadas de prazer, e nesse estado de ansiar por ele e de esperá-lo que será buscada, em nome do princípio do prazer, a tensão ótima abaixo da qual não há mais nem percepção nem esforço.” As memórias de um prazer mítico levam o sujeito a buscar *das Ding*. Já em 1960, Lacan afirma que esta procura por *das Ding* é “*anti psíquica*” e além do princípio do prazer:

Ora, essa busca é, de alguma forma, uma busca antipsíquica que, por seu lugar e sua função, está para além do princípio do prazer. Pois, segundo as leis do princípio do prazer, o significante projeta nesse para além a equalização, a homeostase, a tendência ao investimento uniforme do sistema do eu como tal - fazendo-o faltar. A função do princípio do prazer é, com efeito, conduzir o sujeito de significante em significante, colocando quantos significantes forem necessários para manter o mais baixo possível o nível de tensão que regula todo o funcionamento do aparelho psíquico” (LACAN 2008, p. 145).

O significante primordial não tem um significado correspondente, mas articula-se a um vazio que pode ser representado pela imagem do vaso: objeto oco que contorna o nada, que pode vir a ser preenchido com mostarda. O pote de mostarda representa o furo, um *nihil*, um nada no real de *das Ding*, a partir do qual advém o significante que historiciza a pulsão. Lacan se apropria da metáfora heideggeriana do vaso para representar a existência do vazio no centro do real, cria o vazio que é *das Ding*.

Segundo Freud (1895, p. 491), a experiência com o próximo (*Nebenmensch*) pode ser decomposta em dois componentes: “[...] num componente não assimilável (a Coisa) e num componente conhecido do ego através de sua própria experiência (atributos, atividades) – o que chamamos de compreensão”. Em outras palavras, a experiência do *Nebenmensch* pode ser dividida em duas partes: parte da experiên-

cia do *Nebenmensch* não dá conta de tudo, resta no real - *das Ding*, e, a uma outra parcela consegue dar conta de promover alguma satisfação, ficando registrada no processo de memória como as representações - *Vorstellung*, imagens guardadas na memória como satisfatórias.

Das Ding é aquilo que cai da experiência do sujeito com o *Nebenmensch*. “O Ding é o elemento que é, originalmente, isolado pelo sujeito em sua experiência do *Nebenmensch* como sendo, por sua natureza, estranho, *Fremde*” (Lacan, 1959-60, p. 68). O caráter inacessível de *das Ding*, implica que ela só possa ser representada por ‘outra coisa’, assim, sempre e a cada encontro com o objeto (re)encontrado, há algo diferente e inédito. O objeto é sempre outro, vez que não há objeto que coincida com o que a Coisa designa. A face do objeto de que fala *das Ding* é revelada ao mesmo tempo em que um vazio é delimitado. Tal qual, posteriormente, o objeto a será conceituado por Lacan.

O vazio, furo na subjetividade que *das Ding* delimita é inassimilável, mas serve de referência para o desejo, na medida em que permite ao aparelho atentar para o mundo das percepções. Em *A negação*, Freud (1925) resgata sua elaboração quanto ao fato de que as representações mentais se originaram de percepções, sendo a própria existência de uma representação já uma garantia de sua realidade. Neste aspecto, constrói que a função do juízo é saber se algo que está disponível na forma de uma representação psíquica no eu pode ser reencontrado também na esfera da realidade.

O aparelho psíquico presentifica a percepção do objeto sem que ele esteja efetivamente presente no mundo externo, o que, como já mencionado, resulta em desprazer. O bebe, desamparado, grita, ele precisa de uma *ação específica* para se livrar das tensões sentidas como invasivas mas, sozinho, ele não consegue dar conta disso. Em termos lacanianos, precisa do grande Outro, alguém já submetido ao simbólico que seja o autor dessa *ação específica*, mas mesmo diante da ajuda desse próximo - *Nebenmensch*, algo escapa.

O Outro é o lugar do Código de onde o sujeito recebe a sua própria mensagem de modo invertido, sob a forma de significado do Outro (s(A)), mesmo quando fala sozinho, a fala dirige-se ao Outro (A). O sujeito se constitui no campo do Outro a partir da dependência dos significantes que este lhe endereça. Ou seja, a partir da

invocação do Outro, o significante entra no real e produz o sujeito como efeito de significação, como Eu-real, contudo, sem que o sujeito saiba o que ele é ou qual imagem tem para o Outro (Braunstein, 2008).

Qualquer Outro que coloque a criança no lugar de falo, marcando-a com um desejo que não-anônimo, será o Outro absoluto que a criança buscará, em função da experiência mítica de completude do sujeito com o Outro no primeiro tempo do Édipo Estrutural. A criança se identifica com o objeto de desejo, ocupando o lugar de falo para a função $f(x)$ materna, um *fazer-se Um* que é rememorado como uma experiência de satisfação plena, embora seja apenas uma ficção ou fixão que o sujeito cria desse lugar que ele imagina fálico para o Outro.

Assim, ao invés de considerar a mãe no lugar de *das Ding*, para Lacan *das Ding* indica a falta na origem, o que está para-além da relação mãe-criança. Tampouco se refere a um objeto primordial que fora perdido, mas trata-se da própria condição de possibilidade para o desejo. O bebê, nesse tempo originário, ainda não se distinguiu de seus objetos, logo, não há um objeto a ser perdido, mas uma metonímia do objeto.

A Lei da linguagem obriga todo falante a articular o que quer pedir em termos de discurso, de modo que, se o gozo do ser inundava o corpo do pedaço de carne, isso vai sendo esvaziado e o que resta desse gozo originário é o mito que o cria retroativamente, a partir de quando foi perdido. Ao sujeito fica interdito o acesso ao gozo que não poderá ser obtido a não ser pela mediação da linguagem, que introduz aí uma perda fundamental. Nas palavras de Teixeira:

o que está em jogo é “a instância traumática do desejo do Outro como hiância ou limite interno da apreensão do real pela linguagem, limite a partir do qual o sujeito inscreve seu próprio desejo (TEIXEIRA, 1999, p. 204).

Trata-se da perda original inaugurada pela linguagem e que se manterá sempre assim, pois “o que se trata de encontrar não pode ser reencontrado. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal. Jamais ele será reencontrado” (LACAN, 1959-60/2008, p. 68). ‘A Coisa’ só se conhece pela Lei, que se presentifica nos moldes de interdição do acesso à Coisa que, ausente, indica a fenda aberta no real pela

articulação significativa. Vale destacar que a Lei não é de modo algum a Coisa, mas se conhece a Coisa apenas pela Lei, que designa o acesso impossível ao que o significante 'deixa de fora', pois, fica interdito pela lei simbólica.

Logo, o desejo do sujeito passa a ser tomado como desejo da Lei, cabendo ao sujeito assumir a ética da falta, da castração que o torna desejante. Esse Outro a quem o sujeito pergunta por que renunciar ao gozo e que ao mesmo tempo também se pergunta é representado para o sujeito por alguém no imaginário com quem se começa a viver a função e os impasses no amor.

Entre os conflitos que se esboçam entre o sujeito e o Outro há uma instância simbólica que regula os intercâmbios, como a Lei do Outro, em suma, lei da cultura, a qual não é mais do que essas limitações e perdas do gozo impostas a todo falante, exigindo da criança que entregue seu excremento para o gozo do Outro cuidador. Pode-se até retardar a sua entrega mas mais cedo ou mais tarde a lei do Outro se sobrepõe à lei do prazer. A perda é inevitável, deve-se sempre entregar algo que é real em troca de uma recompensa simbólica, a vida se desenvolve num mercado do gozo (BRAUNSTEIN, 2007).

Das Ding é para o sujeito, a posição primeira de algo que se coloca como o que está fora dele, mesmo dizendo respeito ao mais íntimo do seu desejo, orientando e organizando a cadeia significativa na busca por um objeto inalcançável, porque fazê-lo implicaria a morte. Em função do princípio do prazer, o homem está fadado a buscar sempre aquilo que ele deve reencontrar sem que possa atingí-lo, pois, que o objeto tenha sido perdido é a consequência disso a posteriori, *après-coup* (Lacan, 2008).

O que foi perdido não é esquecido mas é o próprio fundamento da memória inconsciente de um desejo infinito de recuperação do irrecuperável que por sua vez insiste como a compulsão à repetição. Topologicamente, *das Ding* é uma falta central e exterior no registro do desejo (Darriba, 2005, p. 91), o que por sua vez altera até mesmo o modo como o desejo é concebido.

'A Coisa', diferentemente dos objetos comuns [*die sache*], não é predicável, nenhum objeto equivale ou pode preenché-la, vez que se trata do vazio fundante em torno do qual gravitam os significantes, "está justamente no centro, no sentido de

estar excluído” (LACAN, 1959-60/2008, p. 89). Ou ainda: “trata-se desse interior excluído que, para retomarmos os próprios termos do *Entwurf*, é, deste modo, excluído no interior” (Ibidem, p. 125), como uma espécie de núcleo real do sujeito.

Interessante notar o modo como Lacan (1959-1960/2008, p.69) introduz “*das Ding*, enquanto o Outro absoluto do sujeito que se trata de reencontrar”, o que faz alusão ao neologismo “extimidade”, criado por Lacan (ibid, p. 169): “essa exterioridade íntima, essa extimidade, que é a Coisa”. *Das Ding* aparece como estranho, hostil, primeiro exterior (ibid, p. 67), é também aquilo que diz respeito ao mais íntimo do ser do sujeito: “esse campo que chamo da Coisa, onde se projeta algo para além, na origem da cadeia significante, lugar onde tudo o que é lugar do ser é posto em causa” (ibid, p. 257).

Ou seja, tal como Lacan coloca *das Ding* no centro da ética da psicanálise como o próprio real na sua vertente de vazio, “esse *das Ding*, essa causa”¹⁵ (1959-60/2008, p. 120), coloca também *das Ding* no núcleo da causação do sujeito. A face ética da pulsão em sua vontade de recomeçar, o que remete ao desejo, que é sempre de outra coisa, como bem demonstra Freud (1900) com o sonho da bela açougueira na *Traumdeutung*.

O sonho coloca em cena uma mulher que *queria* oferecer um jantar para uma amiga que gostava de salmão defumado, contudo, na casa dela não tinha salmão defumado, de modo que a sonhadora pensa em sair para comprar ou telefonar para algum fornecedor, mas constata que era domingo, tudo estava fechado, tampouco o seu telefone funcionava, de modo que teve que abrir mão de oferecer um jantar a amiga.

Então, pergunta a Freud (1900/2019, p. 180-184): afinal, não seria o sonho a realização de um desejo? Prossegue ainda: *a que se refere o salmão defumado no sonho?* Ora, é o prato preferido da amiga da sonhadora que, tal como a sonhadora não se permitiria o caviar, a amiga não teria direito ao salmão defumado. O sonho ganha uma nova interpretação: o sentido da identificação histórica. Em seu sonho, a paciente de Freud se coloca no lugar da amiga, assim o que convoca Freud e sua paciente é o *enigma pelo desejo do Outro*. Que lugar eu ocupo no desejo do outro? Ou ainda: que queres desse lugar do eu? Ao invés de sustentar nada saber sobre, o

¹⁵ Interessante notar que o objeto *a* será conceituado como causa de desejo no Seminário da Angústia, Livro X para definir o lugar do analista na transferência.

sujeito se enrosca no circuito infernal da demanda para recobrir esse enigma, tampouco a angústia, que por sua vez será abordada no próximo capítulo.

Freud ao escutar o sonho da Bela Açogueira deu vida ao seu inconsciente, na medida em que o inconsciente existe só na medida em que é escutado. Toda teoria freudiana sobre os sonhos e sua interpretação é articulada ao gozo por Lacan, substância mesma de que se fala ao longo de uma análise. O gozo do de-ciframento, segundo Braunstein:

(...)Apesar do inconsciente estar estruturado como uma linguagem, não é menos claro que o inconsciente depende do gozo e é um aparelho que serve para conversão do gozo em discurso. Não creio que seja injusto buscar aí o sentido do aforismo freudiano clássico: “o sonho é a realização de um desejo.” A realização do desejo (Erfüllung) é sua satisfação, portanto, seu desaparecimento como desejo, como falta-a-ser, como cisão do sujeito. Por isso, pode-se dizer que o sonho é a alucinação do gozo e também defesa em relação a ele (em suma, formação de compromisso), pois esbarra no impossível de representar e dizer. É sabido que o processo de interpretação do sonho encontra um limite no contato com a satisfação desnuda do desejo que deve figurar que e que esse é momento do despertar e da angústia. A angústia é o afeto que se interpõe entre o desejo e o gozo, entre o sujeito e a Coisa (BRAUNSTEIN, 2007, p. 26).

Neste capítulo buscamos demonstrar como Lacan se apropria de *das Ding* ou ‘a Coisa freudiana’ para uma questão de extrema importância para a práxis psicanalítica: o que a pesquisa sobre esse objeto desvela é a condição de vazio, inconsistência do objeto que causa o desejo e que no capítulo seguinte, seguindo a linha investigativa de Lacan, será trabalhado como objeto da angústia, objeto *a*.

Desde suas primeiras formulações a respeito da formação do aparelho psíquico em trabalhos como o Projeto para uma psicologia científica (1895), A interpretação dos sonhos (1900) e os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), Freud propõe um objeto impossível para o desejo, vez que as primeiras experiências de prazer jamais serão reencontradas. A busca dos objetos de satisfação faz o bebê alucinar esses objetos sem que sobrevenha a satisfação, como buscamos demonstrar, o objeto de satisfação não está mais no seio, nem na mãe, o que por sua vez é responsável pela fundação do desejo, que passa a conduzir o sujeito incessantemente à tentativa de alcançar o objeto para sempre perdido e a tão almejada satisfação. A impossibilidade de satisfação do desejo é que garante as várias voltas do sujeito em torno da demanda.

Em termos freudianos é possível dizer que o Édipo seria uma etapa do desenvolvimento psicosssexual da pulsão, considerando que a sexualidade humana é a pulsão (*Trieb*)¹⁶. Contudo, a pulsão para Freud (1915) é uma força parcial, infantil, perversa e *não-genital*, que ao ser introduzida na Teoria, coloca em cena um aspecto “econômico” ou metapsicológico do psiquismo, tendo em vista os direcionamentos quantitativos de libido a ser investida no eu e nos objetos. Mesmo em Freud, o objeto remete à falta. Escolhemos a leitura de que o objeto em Freud (1915), é o que há de mais variável e contingente na pulsão, não estando predestinado a satisfazê-la.

Com a introdução do objeto *a*, poderemos acompanhar mais de perto como a pulsão sexual, sempre parcial, contorna o objeto *a* e fracassa em sua tentativa de capturá-lo, em oposição, a pulsão de morte memorizada e memorizável, assimilável a uma vontade de destruição que conduz à inscrição do sujeito na cadeia significante. Como a pulsão sempre deixa um saldo de insatisfação que estimula a repetição, ela é historizadora. O gozo é o saldo do movimento pulsional em torno do vazio da Coisa. O movimento pulsional é essa força constante que tende à recuperação da Coisa como esse gozo do ser a partir do qual o sujeito chega a ex-sistir.

¹⁶ A opção pela tradução de “TRIEB” por pulsão tem sido objeto de discussão, uma vez que afasta o psiquismo da concepção de instinto, em língua alemã *Instinkt*, no sentido do inato e da caracterização puramente biológica da função sexual. A decisão por um ou outro termo é política, uma vez que tender para instinto é marcar território na zona do biológico-corporal. Há ainda que se mencionar que quando Freud se utiliza da terminologia *instinkt*, ele o faz para referir-se à algo diferente do que seria *Trieb*. Por pulsão entende-se zona fronteira entre o anímico e o somático, como uma representação dos estímulos oriundos do corpo, trata-se, em suma, de uma medida de exigência de trabalho imposta ao anímico em função da relação corporal. Assim, o que se sobressai nessa definição é sua característica fronteira entre um lado e outro. Essa discussão está disponível no artigo de Ivan Ramos Estêvão, Retorno à querela do *Trieb*: por uma tradução freudiana.

4. Capítulo 2. A estrutura da angústia

Lacan formaliza o objeto *a*, o que teria sido sua única contribuição para a psicanálise, em seu Seminário sobre *a Angústia*, proferido nos anos 1962-1963, não por acaso. A angústia não é sem objeto, sendo *a* o seu objeto, ou seja, o autor extrai sua noção de objeto *a* da problemática da angústia. Segundo Elia (2002, p. 35-36), não é por acaso que este corte na teoria lacaniana, atrelado ao desdobramento da noção de real, esteja presente no Seminário sobre a Angústia, uma vez que “(..) os ‘efeitos de real’ da experiência do saber do inconsciente afetam inflexivelmente a elaboração de um ensino que se abriu a essa experiência.” Além disso, se até a década de 1950 Lacan mergulhava no campo da estrutura significativa, na década de 1960 há um deslocamento do estruturalismo e um início das teorizações lacanianas sobre gozo, apontando um para-além da metáfora paterna e do simbólico.

Vale mencionar que *das Ding*, como trabalhado no capítulo anterior, é a primeira forma de causa, a partir da qual se constitui a função da causa no sujeito, bem como de abordar o aspecto real do objeto como uma instância necessária à construção de uma ética própria à Psicanálise. Desse modo, o que se inicia com *das Ding* no seminário sobre *A Ética da Psicanálise*, depois aparecerá como Agalma no Seminário sobre *A Transferência* e se desdobrará no objeto *a* como objeto causa. Lacan vai sofisticando o “conceito” de objeto *a*, e mesmo de real, de modo que em seu *Seminário 16: De um Outro ao Outro*, proferido nos anos 1968-1969, o objeto *a* ganha uma nova faceta: mais-de-gozar. Neste trabalho, não abordaremos esta faceta do objeto, mas apenas o objeto *a* neste momento de sua teorização, buscando articulá-lo com a problemática da angústia.

Com a introdução do objeto *a*, há um afastamento do pensamento estrutural e a possibilidade de entrada em cena do *afeto* que não engana. Notamos uma mudança no estatuto de “objeto”, logo, na concepção da fantasia. O objeto que compõe a fórmula do matema da fantasia, sem deixar de ter uma vertente imaginária, ganha um estatuto paralelamente real, de modo que não se trata mais do deslizamento do objeto fálico na cadeia significativa, mas, como explica Torres:

“(..)a partir do Seminário da “Angústia” o objeto pequeno *a*, trata-se de um objeto que condensa e captura o gozo restante da operação significativa, delimitando um campo, campo este chamado real, que não mais é afastado como algo exterior ao campo do sujeito, mas um real que guarda o núcleo do ser, estranho ao sujeito, mas íntimo, informe e não especulável. É por essa razão que a fantasia passa a se articular tanto ao de-

sejo, quando coloca o sujeito em relação ao objeto que sustenta a cadeia significante, como ao gozo, quando o objeto se apresenta pelo real” (TORRES, 2013, p. 24).

Interessante acompanhar com Torres (2013) que essa faceta mais-de-gozar vai se anunciando já no objeto causa-de-desejo, tal como conceituado neste momento de sua teorização. Além disso, Lacan (2005, p. 12) situa a estrutura da angústia tal qual a estrutura do fantasma: S relação com *a*, retomando o grafo do desejo e o matema do fantasma para tanto, vez que o fantasma é uma resposta ao desejo do Outro, que angustia. Sendo assim, a angústia é introduzida por meio da reflexão sobre o desejo na pergunta “o que o Outro quer desse lugar do eu?”. O que, por um lado, coloca em cena o problema da relação com o desejo e, por outro, a questão da identificação imaginária.

Para tratar da relação da angústia com o desejo do Outro, Lacan utiliza-se do apólogo do louva-deus, ou seja, da cena da cópula recorrente na espécie do louva-a-deus, na qual a fêmea devora a cabeça do macho após a relação sexual. Sem saber qual máscara está usando, Lacan (2005, p. 14) reveste-se da máscara de um louva-deus gigante, sem conseguir ver sua própria imagem no espelho enigmático do globo ocular do inseto: que objeto sou para o desejo do Outro? O objeto que é colocado na frente depende, assim, daquele que está atrás, prestes a devorar-lhe, ou seja, há um perigo iminente de se tornar apenas um instrumento do gozo daquele que o olha. Assim, o surgimento do afeto da angústia está atrelado ao momento em que o sujeito se vê diante do desejo do Outro, alienado nesse desejo de forma absoluta, sem a mediação do fantasma.

No momento tratado, a fantasia é concebida em sua relação estrutural entre o \$ e o *a* – sendo \$ o elemento que tem relação com o *fading* do sujeito, e sendo esse *a* o pequeno outro, que tem a ver com o objeto do desejo, que conforme trabalhado no capítulo anterior, tem uma face vazia e um semblante *i(a)* sedutor. O sujeito se serve de seu fantasma como suporte para o desejo, deseja-se a partir do fantasma, mas quando algo disso vacila e o sujeito para de contar com a mediação do fantasma para fazer frente ao desejo do Outro, angustia.

Assim, a angústia se produz no eu quando o investimento de *a* se volta para o sujeito barrado ($\$$), que não é apreensível e só pode ser concebido como um lugar na cena da fantasia, quando o sujeito barrado pode se apreender como desejante. E esse lugar da fantasia é geralmente ocupado pela imagem especular do sujeito, ou seja, o sinal de angústia se produz no nível do eu enquanto imagem do outro, enquanto função de desconhecimento e de dissolução da imagem especular do eu, anunciando a presença de um objeto perigoso, inteiramente comparável a um perigo externo, que faria o sujeito fugir como um e-feito do real do saber inconsciente sendo, ao mesmo tempo, produto desse saber e causa para sua construção.

Neste aspecto, a angústia não é o ser, tampouco o sujeito em sua forma bruta, trata-se de um afeto, mas diferentemente dos afetos que enganam tanto aqueles a quem se dirigem quanto aqueles que o experimentam, a angústia é o único afeto que *não* engana. Segundo Lacan (2005, p. 240) *é a sombra de uma outra certeza, a da angústia*. Quando um sujeito experimenta a angústia, o afeto desamarra-se do significante, desliza à deriva, contudo sua causa permanece enigmática.

Lacan (ibid, p. 23) recorda Freud para sustentar que o recalque não opera sobre os afetos, eles podem ser deslocados, enlouquecidos mas não recalcados; o que são recalcados são os significantes que os amarram. Se Freud fala do recalque das “representações” ou dos “representantes das representações”, Lacan fala em termos de significantes. Quando a falta, uma simbolização necessária, falta, há um excesso, de modo que a angústia é o índice de uma simbolização e também o índice de uma simbolização não-concluída, logo, um afeto índice da simbolização impossível.

A angústia, única tradução subjetiva do objeto *a*, não se deixa significantizar, logo, não engana, já os significantes enganam, entram na rede, formam cadeia significante que por sua vez se dirige ao Outro como demanda. A demanda ($\$ \leftrightarrow D$) introduz a falta no registro simbólico, colocando em cena a relação do sujeito com a dimensão simbólica que organiza seu gozo. O sujeito, ao assentir à Lei que o Outro introduz, inscreve-se como castrado no laço social. O desejo do Outro surge como uma falta fundamental, que nenhum objeto é capaz de preencher.

A passagem de uma pulsão a outra se dá, não por um processo de maturação genital, mas pela intervenção da demanda do Outro. Assim, é porque o Outro

demanda da criança que se alimente, seus excrementos, que as fases da libido se sucedem. O sujeito acredita preencher a falta no Outro com seu ser sem saber que serve-se de sua própria falta para interpretar o que faltaria no Outro, confundindo o desejo do Outro com sua demanda. Toda demanda é de amor: demando que você me reconheça do lugar que quero narcisicamente ser reconhecida. Por meio da montagem surrealista sem pé nem cabeça da pulsão, o sujeito se constitui um eu.

O neurótico (fóbico, obsessivo ou histérico) é aquele que identifica a falta do Outro com sua demanda, de modo que, a demanda do Outro assume a função de objeto em sua fantasia, isto é, que sua fantasia reduz-se à pulsão: ($\$ \langle \rangle D$). Ou seja, a angústia surge quando a fantasia ($\$ \langle \rangle a$) e o sentido falham em sua função de mascarar o objeto *a* e o sujeito perde as referências simbólicas por meio das quais se situa no Outro. A angústia emerge, portanto, na sequência de um impasse na interpretação do desejo do Outro.

Não significa dizer que *a* seja a causa da angústia, porque não é, trata-se do “sinal” de perigo que se passa na relação do sujeito com seu objeto. Quando há um abalo narcísico da imagem construída de si mesmo e do lugar simbólico que se supunha ocupar diante do Outro, tais como “ideal do que é ser psicanalista lacaniana”, “trabalhadora do SUS e pesquisadora”, de repente, o sujeito fica nu. Assim, a angústia é um sinal que é deflagrado como reação a um perigo pulsional que remete ao trauma originário. Contudo, o que seria essa experiência de angústia originária?

É um fato clínico que a análise é uma experiência que convoca a angústia. A análise reatualiza o momento da angústia inicial, e é isso que torna possível uma descolagem entre o gozo e o desejo. Pois a angústia é a via que permite ao sujeito subtrair-se do gozo e assumir uma posição desejante. Não só porque a análise vai contra o recalado, mas também porque não pode haver acesso ao âmago do ser do sujeito sem que cada sessão se desenrole no nível de uma fronteira entre as imagens e a fala, por um lado, e o indizível, por outro (IZCOVICH, 2024, p.19).

Notamos com Izcovich (2024) que Lacan localiza a angústia em uma vetor que vai do gozo que não serve para nada, passando pelos sintomas até ao desejo, de modo que o sujeito, ao abrir mão de sua posição simbólica, pode transformar seu gozo em desejo, desde que saiba extrair da angústia sua certeza.

O objeto *a* como índice clínico da angústia, é o que movimenta uma análise, tanto do lado do *quantum* o analista praticante pode suportar de angústia, dando tra-

tamento a isso tanto em sua análise como no espaço da supervisão, bem como do *quantum* o paciente pode suportar. A angústia e o objeto *a* estão articulados à clínica, enfatizando o caráter de *práxis* que constitui o dispositivo psicanalítico. Não se trata de desangustiar o paciente, porque a psicanálise não é uma psicoterapia, mas mapear os momentos de aparecimento da angústia que é de suma importância para direção do tratamento, vez que coincide com a da constituição do sujeito

Conforme Lacan vai construindo sua teoria sobre o objeto *a*, sobretudo no que diz respeito a sua incidência na fundação do sujeito, vai definindo o lugar do analista na cura, bem como sua implicação na transferência, de modo que as teorias de constituição do sujeito harmonizam-se às da direção da cura. “O psicanalista seguramente dirige a cura”, adverte Lacan (1958/1998, p. 604), explicitando: “é numa direção do tratamento que se ordena, como acabo de demonstrar, segundo um processo que vai da retificação das relações do sujeito com o real, ao desenvolvimento da transferência, e depois à interpretação”.

Em outras palavras, a transferência não é nada de real no sujeito senão o aparecimento, num momento de estagnação da dialética analítica, dos modos permanentes pelos quais ele constitui seus objetos. O que é então interpretar a transferência? Nada além de preencher com um engodo o vazio desse ponto morto. Mas esse engodo é útil, pois, mesmo enganador, reativa o processo. (LACAN, 2008, p. 224-5)

Nesses momentos de estagnação da dialética analítica aparece “o modo permanente segundo o qual ele (o analisando) constitui seus objetos” (LACAN, 1951/2008 p. 225). Estes pontos mudos da fala do analisando são pontos onde se revela a questão do sujeito, seu enigma, seu desejo. Há por fim que se mencionar que a angústia é um afeto de transferência que é diferente para cada analista e analisante.

Nos próximos itens deste capítulo, nos propomos a uma interlocução com o texto *das Unheimliche* de Freud, tendo em vista que essa interlocução tem como eixo a questão do objeto da angústia. Se, para Freud, a angústia surge nos momentos em que o sujeito se encontra na iminência da perda de um objeto altamente valioso, Lacan enfatiza que não se trata da perda desse objeto, mas sim da possibilidade de que tal objeto não falte, o que acarretaria a ausência da falta.

2.1 Das Unheimliche em Freud

*Das Unheimliche*¹⁷ é o nome de um texto publicado por Freud em 1919, que ao dar palavras a um sentimento aterrorizante, cria esse conceito, que aqui, abordaremos apenas na medida do necessário para compreender o que é este conceito que diz de um sentimento aterrorizante e como utilizar de *das Unheimliche* como um operador da escuta (GONSALVES, 2021). Conforme mencionado na introdução, Lacan (1962-1963/2005) deixa bem evidente que o referido artigo de Freud serve de chave de leitura para a Angústia, do seminário X e Gonsalves em sua pesquisa de mestrado “*Os desdobramentos do infamiliar em Freud e Lacan*”, evidencia como se utilizar do conceito como um operador da escuta clínica.

Na medida do necessário, as articulações com *das Ding* e o objeto *a* que parecerem interessantes serão apresentadas no corpo do texto. Por fim, há que se mencionar que optamos pela não-tradução do vocábulo *das Unheimliche* para fazer vir à tona o problema da passagem de uma língua a outra, de modo a sustentar o furo para que isso que fica perdido na tradução continue ressoando. O intraduzível não é o que não pode ser traduzido, mas o que não cessa de (não) traduzir” (Cassin, 2018, p. 17 citado por Iannini & Tavares, 2019, p. 8).

No texto *Freud e o Infamiliar*, que integra o volume da tradução do Infamiliar (autêntica), Iannini e Tavares (2019, p. 17) desmembram o vocábulo *das Unheimliche*: composto do prefixo de negação *un*, que traz nessa palavra-conceito a marca do recalque e cerne da divisão subjetiva seguido do elemento negado *heimlich*, adjetivo que deriva do substantivo *Heim*, que por sua vez se aproxima do inglês *home*.

“Em suma, *heimlich* é uma palavra cujo significado se desenvolveu segundo uma ambivalência, até se fundir, enfim, com seu oposto, o *unheimlich*, que é, de certa forma, um tipo de *heimlich*. Juntemos esse resultado ainda não esclarecido com certeza com a definição de infamiliar trazida por Schelling. A investigação de casos específicos do infamiliar tornará compreensível essa alusão.” (FREUD 1919/2019, p. 47-49)

O prefixo *Un* de *Unheimlich* reduplica a ambivalência da palavra, conservando e evocando o aspecto oposto de *heimlich* (intímo, familiar), entretanto, não se trata

¹⁷ Neste trabalho, ora optamos pela não-tradução do vocábulo ou por incômodo, conforme recentemente traduzido pela editora Blucher, que consegue comportar em seu prefixo ‘in’ uma negação. Outras possibilidades de não-tradução seriam: “O Inquietante” (Companhia das Letras), “O Estranho” (Ed. Standart) e “O infamiliar” (Ed. Autêntica).

de mera ambivalência mas de mostrar como algo familiar e íntimo pode evocar a sensação de secreto e desconhecido *ao mesmo tempo* ou ainda como a relação entre o vivido e o fantasiado são complexas. Dunker (2019, p. 203) ressalta que o prefixo *un* em *unheimliche* coloca a palavra ao lado de outros termos negativos da psicanálise como *unbewusst* (inconsciente) e *unbehagen* (mal estar), indicando que a negação de um conceito determinado pode criar novos sentidos, ao invés de fazer mera oposição.

Interessante notar com Dunker (2019, p. 200) que o artigo de Freud (1919) *das Unheimliche* se divide em três partes: a primeira remete ao problema linguístico e antropológico representado por este sentimento. A segunda dedica-se à análise do conto “O Homem de Areia”, de E.T.A. Hoffmann. A terceira parte tem enfoque no papel da realidade e nas operações de retorno do recalcado, logo, parece ter sido escrita em concomitância com *Além do princípio do prazer*, texto que introduz uma nova teoria das pulsões, marcada pelo papel da repetição e da angústia, conforme já mencionado na introdução. O sujeito, em sua compulsão à repetição, retorna sempre para um ponto enigmático que se por um lado lhe causa sofrimento, por outro lado, é causa de gozo.

Ainda, Freud diferencia os tipos de manifestações do infamiliar, sendo eles: infamiliar dos complexos infantis recalcados, que ocorre quando a realidade psíquica toma o lugar da realidade material, o conteúdo recalcado retorna mas não da superação da crença na realidade. Há ainda aquele do complexo de castração, da fantasia com o ventre materno. Em suma, não é aquilo que não é conhecido nem familiar que é tomado como aterrorizante, mas o ponto crucial é que a qualidade afetiva que experimenta é tomada como não-familiar, a partir desse deslocamento do sim pro não.

Vale ressaltar que para que uma experiência seja sentida como *das Unheimliche* é de fundamental importância que o que causa incômodo e desconhecimento tenha outrora sido íntimo e familiar, como bem explica Gonsalves:

O domínio de algo ‘infamiliar’ que chama à atenção de Freud diz respeito a objetos que expressam uma paradoxal tensão e produzem uma qualidade afetiva aterrorizante, mesmo que o termo chave utilizado seja uma palavra mais habitual e cotidiana (GONSALVES, 2021, p. 46).

Em *das Unheimliche*, Freud (1919) narra uma série de situações e objetos familiares que porque apareciam de modo “súbito”, “de repente”, “inesperado” cau-

savam um abalo na relação sujeito e objeto na cena, permitindo que aquilo que o sujeito não pode dizer, surja na cena. Esse sentimento de estranheza e incômodo se passa com Freud (1919) quando ele está viajando de trem e, prestes a se deitar, percebe na sua cabine um senhor de idade, vestindo um robe de chambre e um boné, incomodado diante do invasor, quase solicitando-lhe que se retire da sua cabine, Freud nota que na realidade o suposto invasor é sua imagem refletida no espelho da toilette. No caso narrado pelo autor, o duplo se apresenta nesse conflito entre a imagem e a identidade.

Interessante acompanhar no texto os deslocamentos desse sentimento *das Unheimliche*, considerando que se por um lado, Freud descreve uma cena em que ele se aterroriza com sua aparição no espelho, por outro lado, ele também recorre ao caso clínico do Homem dos Ratos (“Observações sobre um caso de neurose obsessiva) à luz de *das Unheimliche*:

esse paciente havia passado uma temporada numa estação de águas, da qual retornou com uma sensível melhora. Mas ele era tão esperto que relacionou esse êxito não à força curativa das águas, mas ao fato de que seus aposentos ficavam imediatamente adjacentes aos de uma amável enfermeira. Quando ele voltou, na segunda vez, a esse mesmo estabelecimento, quis reservar novamente o mesmo quarto, mas teve de ouvir como resposta que este já estava ocupado por um senhor de idade, e então expressou seu mal-humor a respeito, com as seguintes palavras:”pois que ele morra de infarto por conta disso”. Quatorze dias depois, o senhor idoso sofreu, de fato, um infarto. Para meu paciente, isso foi uma vivência *das Unheimliche* (FREUD, 2019, p. 81).

O pensamento mágico do homem dos ratos comparece para justificar a realização de um pensamento, ou seja, ele pensa que o senhor que o impedira de realizar um prazer ansiado deveria morrer de infarto e, então, quando ele de fato tem um ataque cardíaco, é como se o pensamento dele fosse onipotente a ponto de causar a morte do velho.

O *unheimliche* retoma o papel do totemismo e do animismo, antes expresso com a antropologia de *Totem e Tabu*, sintetizando uma gama de fenômenos mágicos, místicos, sobrenaturais, além de um reexame do modo animista em geral de pensar. Certas crenças animistas ainda vivem em nós e ficam à espera de uma possibilidade de confirmação e, então, algo acontece em nossas vidas, despertando essa antiga familiaridade.

O desejo proibido que se realiza para o homem dos ratos, evidencia um narcisismo e incômoda familiaridade, bem como uma tentativa de recobrimento da realidade por gestos mágicos, que dizem respeito à instância superegóica que lhe impunha comandos. Segundo Gonsalves:

O que podemos dizer é que a apreciação do infamiliar dentro da clínica, segundo Freud, diz respeito à necessária atenção às experiências "mágicas" trazidas pelos analisandos. No entanto, elas não são elementos que estão aí para serem julgados, obliterados, esquecidos, sub-apreciados dentro de um atendimento clínico psicanalítico, mas são, sim, algo do que temos de mais precioso dentro da clínica. Há uma porta de entrada crucial não apenas ao universo infantil, na organização do pensamento e das fantasias, ou da interpretação daquilo que não é subsumido dentro completamente e que retorna, mas sim algo da ordem de um direcionamento acerca do retorno do recalçado (via sintoma) e possíveis acenos clínicos diante da pulsão de morte, nisso que é experimentado e descrito enquanto estranho, esquisito, melhor dizendo, disso tudo que é da ordem do infamiliar (GONSALVES, 2021, p. 98).

Ainda, é possível acompanhar um certo mapeamento no texto que aproxima a castração da pulsão de morte, sustentado por sua vez pelas repetições e, em suas manifestações, como a tendência ao inorgânico.

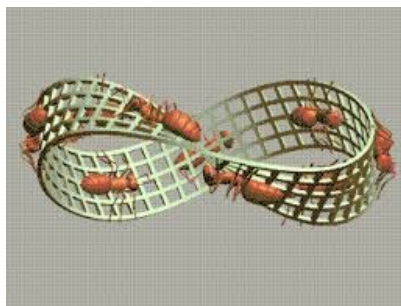
Vale mencionar, ainda, que *das Unheimliche* é um ancestral metodológico do que será formalizado com "A Negação", no qual Freud (1925), faz a análise discursiva dos diferentes mecanismos da negação e suas consequências para a constituição subjetiva nos tipos juízo existencial e valorativo. Já em 1919, há uma interrogação acerca do estatuto da verdade e da realidade em psicanálise, que em 1925, se desdobrará na resistência como um fenômeno estruturante de qualquer revelação da verdade no diálogo. Como no exemplo do texto, 'não' sonhei com minha mãe.

A cena típica do desmentido é descrita por Freud (1927) no texto do *Fetichismo*, em que ele expõe como o destino da representação e o destino do afeto são separados, de maneira que a representação do afeto sofre a recusa [*verleugnung*], permenecendo apenas a percepção, sobre a qual é empreendida uma ação enérgica para sustentar a recusa da realidade. Assim, a negação trabalha desautorizando a experiência, aquilo o que se registra a nível sensorial e perceptivo não é integrado de forma a transformar a relação com o outro, com a lei e com a falta. A angústia surge nesse momento em que o sujeito se vê dividido pelo recalque, seja pela negação, pelo recalque ou pela forclusão.

Segundo Duras (1993/2021, p. 23), *é numa casa que a gente se sente só. E não do lado de fora, mas dentro dela*. Essa passagem da escritora francesa em *Es-*

crever, evidencia na linguagem o deslizamento do *Heimliche* ao *Unheimliche*, nas palavras de Freud (2019, p. 85), *uma vez que esse das Unheimliche não tem nada de novo ou de estranho, mas é algo íntimo à vida anímica desde muito tempo e que foi afastado pelo processo de recalamento*. Em outros termos, porque somos seres divididos pelo recalque, temos esse sentimento de incômodo, que por sua vez, angústia.

Seguindo a sugestão de Freud que aprendamos o ofício do analista com os escritores, buscamos esse excerto de Duras para narrar esse sentimento angustiante: *das Unheimliche*. Essa proximidade que depois do recalque passa operar por sua negação, misturando o dentro e fora que, em Lacan, é representado, pela banda de Moebius. Pois, voltemos mais uma vez à Angústia, do Seminário X, onde Lacan apresenta a Banda de Moebius pra falar dessa extimidade, que no capítulo anterior trabalhamos por meio de *das Ding, a Coisa*: extimidade, *fremd*, interior-exterior, dentro-fora, significantes contraditórios de que Lacan se utiliza para caracterizar esses objetos - *das Ding* e objeto *a*. Abaixo, segue figura da Banda de Moebius:



Inspirado no objeto topológico criado pelo astrônomo e matemático alemão August Ferdinand Möbius (1858), a banda ou fita figura como uma estrutura espacial de superfície infinita, incluindo formigas para romper com a dicotomia endógeno *versus* exógeno. As formigas caminham sob a banda de Moebius na gravura de M.C. Escher sem começo nem fim, vez que pode-se percorrer toda a superfície da fita que aparenta ter dois lados pelo efeito de torção quando na verdade tem um só. Segundo Hermann (2009, p. 125) não há nada de mensurável a ser retido na estrutura da banda de Moebius, visto que ela se reduz ao próprio corte, assim como a emergência do real – pois ele, também, não é mensurável.

Assim, neste subcapítulo, buscamos evidenciar elementos do texto freudiano que podem nos ajudar com a compreensão da angústia e de seu objeto, nessa me-

dida, tentamos uma articulação com a Banda de Moebius, dado que ajuda a conceber como o dentro e o fora, na verdade, são uma e mesma coisa. No próximo item, apresentaremos o Esquema de Bouasse que nos ajudará a compreender como o eu se forma a partir do Outro e, oportunamente, retomaremos com a Banda.

2.2 A influência de das Unheimliche na composição da angústia

Embora *Unheimlichkeit* não seja a angústia, esse sentimento de estranheza [*sentiment d' étrangeté*] tem papel fundamental na compreensão da angústia enquanto afeto que não engana (LACAN, 2005, p. 88). Essa aproximação ajuda na compreensão da angústia, enquanto essa certeza que desconcerta as relações simbólicas da realidade entre sujeito e objeto. Lacan serve-se da angústia enquanto um afeto que não engana e do lugar onde ela aparece para aprofundar a noção de objeto *a*, reformulando a Teoria da Relação de Objeto.

Para Lacan, *Unheimlichkeit* é o eixo indispensável para abordar a questão da angústia, por isso, em seu seminário proferido em 1962-1963, insiste no trabalho de (re)leitura do artigo de Freud (1919) sobre o conceito. Em nossas notas sobre¹⁸, a primeira coisa que buscamos enfatizar é a importância ali dada por Freud à análise linguística, desmembrando o vocábulo e recorrendo aos dicionários para sustentar o argumento de que a definição do *unheim* é ser *heim*: “é o que está no lugar do *heim* que é *unheim*” e prossegue: “*heim* é o lugar do (-φ)” (LACAN, 2005, p. 57).

Pois, como o sentimento de estranheza despertado por essa vivência da ordem de *das Unheimliche* compõe a angústia, o afeto que não engana? Ou em outros termos como pode um sentimento compôr um afeto? A angústia, segundo Lacan (2005, p. 51), surge quando um mecanismo faz aparecer alguma coisa qualquer no lugar de (- φ). O matema (-φ) representa o quantum da libido que não se vê, pois não entra no imaginário, permanece vinculada ao próprio corpo, do narcisismo primário, auto-erotismo. Mas o que, afinal, é esse lugar designado pelo (-φ)?

Segundo Lacan (1962-1963/2005, p. 55), trata-se da angústia de castração, em sua relação com o Outro. Diferentemente de Freud para quem a angústia de castração ocorre pela *inveja do pênis* na mulher e pelo *medo da perda do pênis* no homem, sendo a diferença anatômica entre os sexos o rochedo intransponível da castração, em Lacan a angústia de castração seria a castração imaginária, a parte subtraída à imagem libidinizada.

¹⁸ 2.1 *Das Unheimliche* em Freud.

A angústia de castração, em Lacan, é a responsável por estabelecer uma orientação entre os elementos estruturais, a partir da lógica da retroação e segundo uma dialética fálica. Os significantes são passíveis de apreensão enquanto um conjunto de valores, sendo o significante fálico a medida comum desse conjunto e os outros significantes têm maior ou menor valor em relação ao significante fálico, já que é o significante que dá a significação aos outros significantes, organizando o psiquismo ao redor de uma falta fundamental.

A lógica fálica é estrutural e está sempre em relação à castração, o que muda de época em época é o que é considerado fálico e, por sua vez, castração. Já que há uma castração imaginária como essa parte que é subtraída à imagem desejada, deve haver uma castração real como um fio condutor que ressignifica as experiências orais, anais e fálicas do sujeito a partir de uma falta simbólica. Sobre a angústia de castração, Lacan:

A descrição dos estágios, formadores da libido, não deve ser referida a uma pseudomaturação natural, que permanece sempre opaca. Os estágios se organizam em torno da angústia da castração. O fato copulatório da introdução da sexualidade é traumatizante - aí está um figamento de vulto - e tem uma função organizadora para o desenvolvimento. A angústia de castração é como um fio que perfura todas as etapas do desenvolvimento. Ela orienta as relações que são anteriores à sua aparição propriamente dita - desmame, disciplina anal etc. Ela cristaliza cada um desses elementos numa dialética que tem por centro o mau encontro. Se os estágios são consistentes, é em função de seu registro possível em termos de mau encontro (LACAN, 2008, p. 68).

De modo que, a causação do sujeito ocorre a partir de sua inscrição no campo da linguagem, que é anterior ao próprio sujeito, contudo o sujeito em psicanálise se origina como efeito de um corte, isto é, da castração, que só pode ser situada temporalmente a partir da perspectiva da retroação. Quando a partir da falta de um objeto imaginário, que pode ser o pênis, o seio, o sujeito se estrutura. Importante ressaltar que esse (-φ) que falta à imagem não é necessariamente o pênis, mas a parte da libido que não se coloca na imagem e por isso não se vê, afinal, como bem lembra Soler (2012, p. 41) a falta de pênis tem uma imagem assim como o próprio pênis.

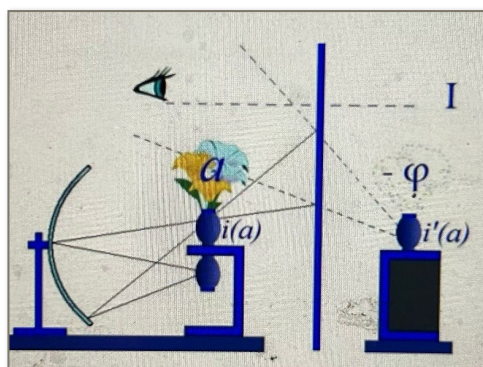
Por óbvio não existe uma imagem do investimento libidinal, o a escreve uma falta disso que não se vê na imagem real nem na virtual *i`a*. O primeiro investimento especular da imagem deixa um resto, uma rachadura entre a imagem investida e a reserva do lado do sujeito que, inclusive, vai lhe servir para aceder ao mundo do

seus objetos. Soler acompanha o esforço lacaniano de definição do objeto a pelo que ele não é, logo, como designar essa presença que se assinala mas não se representa?

não tem imagem, nem significante, que, portanto, não se vê nem se decifra, que consequentemente, procede do real impossível de ser apreendido pelo imaginário tanto quanto pelo simbólico, mas que, no entanto, opera como causa de tudo o que se diz e o que se faz. (SOLER, 2012, p.35)

No esquema óptico de Henry Bouasse, que num primeiro momento consiste em comparar um objeto real com sua imagem virtual por meio da acomodação do olho. O observador, se posicionado em um ponto-específico, devido às propriedades ópticas do espelho côncavo, consegue ver o vaso com a imagem das flores projetadas sobre este. A primeira vez que Lacan se utiliza do referido esquema foi no *Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud*, onde ele trabalha o texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, de Freud (1914), buscando tratar conceitos como narcisismo primário e secundário, eu ideal e ideal do eu, estabelecendo relações entre as referidas instâncias. Abaixo, apresentamos o Esquema do Bouasse com algumas modificações.

(Fonte: Staferla, *Leçon I, 14 novembre 1962*)



Em *introdução ao narcisismo*, Freud (1914) refere-se ao eu como o primeiro objeto do investimento libidinal, Lacan faz passo demonstrando como o eu se toma como objeto a ser investido libidinalmente no esquema acima. Vale ressaltar que o eu toma-se como objeto de investimento libidinal. Em Lacan, o matema $i(a)$ escreve

a forma mais a quota da libido a ser investida nessa forma, de modo que a relação especular é a relação com uma forma investida de libido.

O momento de formação do eu ideal em Lacan corresponde ao narcisismo primário em Freud (1914), situado entre o autoerotismo e a passagem do amor objetal, quando Freud postula que *o eu deve tomar-se como objeto do investimento libidinal*. Prossegue, diferenciando dois tipos de escolhas amorosas: o tipo de escolha por apoio que deriva da mãe, de *a* para imagem do Outro como investimento erógeno primário, e o tipo narcísico de escolha que opta por uma identidade entre sujeito e objeto. Este segundo tipo não opera por transferência, mas pela homologia de $i(a)$ e $i'(a)$.

Ou seja, há uma distinção entre a libido que direciona-se ao eu e aquela que vai para os objetos. Há um desenvolvimento psicosexual da libido que como buscou-se demonstrar com a citação de Lacan acerca dos estágios libidinais, opera pela angústia de castração que por sua vez ressignifica as experiências pulsionais. No narcisismo primário, os objetos reais são substituídos por fantasias imaginárias, lembranças, uma forma da criança lidar com a falta.

Notamos que Lacan busca ressaltar uma fratura que fica entre a imagem especular $i(a)$ e isso que escreveu por $(-\varphi)$. $(-\varphi)$ corresponde ao lugar ocupado do lado direito, já do lado esquerdo aparece o objeto *a* no lugar que deveria estar a falta, ou seja, o objeto do desejo ocupa o lugar da falta, daí, angústia. Não é o objeto *a* que aparece mas alguma coisa onde não deveria haver nada.

A reserva libidinal que se encontra à esquerda não tem imagem, não pode ser refletida, reparte-se entre a imagem e o corpo próprio, sendo que *a* e $(-\varphi)$ estão fora da imagem, mas *a* entra no registro do imaginário, já $(-\varphi)$ não. Trata-se da porção que permanece investida no corpo e não passa para o nível especular, esse $(-\varphi)$ situa-se do lado do sujeito no esquema, embora possa circular no campo do outro, ao passo que *a* é do campo do Outro, o objeto parceiro do sujeito como garantia da alteridade do Outro. O retorno de *a* à imagem é que *l*he envelopa: o matema $i(a)$ refere-se tanto à imagem do pequeno outro quanto à imagem do objeto *a*.

A falta na imagem desejada, ou seja, a *Unheimlichkeit* é a angústia que aparece no lugar em que deveria estar o (-φ), ou seja, a janela cuja moldura são os significantes. Por janela Soler (2012, p. 47) entende o intervalo significativo, o espaço que há entre os significantes.

Além disso, a fala é a metonímia do objeto ensejado pelo desejo, nessa medida, ela trilha um percurso que vai da percepção à realização do desejo.

Tomemos de Freud, ainda no Projeto, a indicação de que são as associações da fala que, conectadas aos complexos ideativos, ou aos conjuntos armazenados das experiências de satisfação e de dor aquelas que, em seu percurso, são capazes de fornecer indicações de qualidade necessárias à identificação da realidade. Reformulando em termos topológicos, o percurso da fala na busca de caminhos para a descarga da excitação, ou na realização do desejo, deforma o espaço estabelecido pelos conjuntos, uma vez que altera relações de vizinhança, aproximando-os ou afastando-os de modo a reativar não somente a imagem de satisfação, mas também a propiciar uma descarga efetiva da energia acumulada (RONA, 2012, p. 219).

Segundo Rona (2012), a fala manifesta-se tal como a experiência das formigas na banda de Moebius, indo do próprio ao alheio, ou seja, na fala do analisante sempre aparecerá algo que diz do eu do analisante ou do outro com quem ele estabelece relações. Eu ou outro ou ainda como ensina o poeta francês Rimbaud, o eu é um outro, é sempre de significantes que se trata numa análise. Como referido no capítulo anterior sobre *das Ding*, esse lugar central, essa exterioridade-íntima, essa extimidade, que é a Coisa, a origem do sujeito, a partir de um traço.

Assim, o sujeito barrado (\$) é um acontecimento propiciado pela associação-livre, se o analista consegue causar no analisante a livre associação, de modo a possibilitar que entre um significante e outro, algo do sujeito emergja enquanto verdade.

Buscamos aqui demonstrar como o menos-phi (-φ) participa da composição do a, considerando (-φ) como a janela cuja moldura são os significantes. Essa aproximação ajuda na medida em que promove condições de escutar as manifestações paradoxais do sujeito na cena, bem como os endereçamentos de demandas passíveis de transformação. Notamos que o eixo do (- φ) enquanto angústia de castração, mostra-se indispensável para pensar além da questão da angústia, a dialética do desejo, que é o reverso da castração e suas implicações para o sujeito.

5. Capítulo 3. Analista dejetivo, causa o desejo

Sicut-palea, encontrar um analista feito desse dejetivo. Lacan menciona várias vezes essa expressão de São Tomás para se referir ao analista: “A passagem de psicanalisante a psicanalista tem uma porta cuja dobradiça é o resto que constitui a divisão entre eles(...)”. Em *Televisão*, Lacan tenta situar o analista em relação ao santo enquanto dejetivo de gozo. E esclarece que bancar o dejetivo, não fazer caridade, mas “descaridade”, permite ao sujeito do inconsciente tomá-lo como causa de seu desejo. O analista, dejetivo do gozo do sentido, causa o desejo de psicanálise (BATTISTA, 2018, p. 4).¹⁹

Nos capítulos anteriores, buscamos investigar como Lacan reformula a concepção de objeto, primeiro tratando a *ética da psicanálise* com o resgate de *das Ding* do Projeto para Uma Psicologia Científica de Freud (1895) e, então, com o objeto *a*, e como *das Unheimliche*, via menos - *phi*, compõe *a*. Neste momento de nossa investigação, finalmente, juntamos elementos que podem parcialmente responder à pergunta que deu início a essa pesquisa: quais as consequências clínico-teóricas dessa virada conceitual do objeto em sua versão real, conforme Lacan nos apresenta no *Seminário da Angústia* para o lugar do analista na transferência?

Como dito no capítulo sobre a estrutura da angústia, sua única tradução subjetiva é o objeto *a*, que por sua vez, se furta ao nível da captação imaginária, pois fica atrás do desejo. Logo, as notícias que temos do objeto *a* não se dão a ver em sua materialidade, pois ele fica como *causa* de toda intencionalidade quer seja da libido na relação de objeto, quer seja do pensamento em relação a isso que ele pensa. Assim, o objeto *a* não deve ser confundido com os objetos da intencionalidade, objetos que ficam na frente do desejo, como objetos comuns, visados.

Lacan insiste no fato de que há dois tipos de objetos: aqueles que se trocam, intercambiáveis, comercializáveis e aqueles que não. O falo é o primeiro objeto que não se permuta, além de outras quatro roupagens $i + (a)$ do objeto *a*, que correspondem as cinco formas de perdas: oral, anal, fálico, voz e olhar. A essência desse objeto é a perda, pois todas as relações de objeto são consequências de *a*. Há uma

¹⁹ Texto extraído do testemunho de passe de Julieta de Battista, Advento do desejo do analista. Disponível em: <<https://www.champlacanien.net/public/docu/4/rdv2018pre11.pdf>>.

anterioridade lógica do objeto *a* sobre o sujeito e sobre os objetos comuns do mundo, aqueles a quem ou para quem *a* causa seu interesse.

Para exemplificar essa diferenciação que Lacan faz entre os objetos comercializáveis, os que ficam na frente do desejo e o que fica por trás, causando seu movimento, recorreremos *Aos Fragmentos de um Discurso Amoroso*, do Roland Barthes. A escolha de objeto amoroso na neurose, que é sempre um suporte do parceiro inconsciente, *a*, difere, portanto, dos objetos eleitos pelo sujeito em sua fantasia, os quais serão alvos da libido. O termo *causa* indica de saída uma concepção de objeto não substancializada, mas já com a marca da falta.

O amor na obra de Lacan, passa a se tornar *signo* de uma percepção do inconsciente que pode manifestar-se na escolha de um objeto dominada por um fetiche. No fim das contas, cada um copula com seu inconsciente, quando se relaciona com semblantes de *a* e o objeto, enquanto semblante de *a*, é de satisfação sempre parcial, alvo da libido. Sobre isso, vale mencionar, em *fragmentos de um discurso amoroso*:

Encontro pela vida milhões de corpos; desses milhões posso desejar centenas; mas, dessas centenas, amo apenas um. O outro pelo qual estou apaixonado me designa a especialidade do meu desejo. Essa escolha, tão rigorosa que só retém o Único, estabelece, por assim dizer a diferença entre a transferência analítica e a transferência amorosa; uma é universal, a outra é específica. Foram necessários muitos acasos, muitas coincidências supreendentes (e talvez muitas procuras), para que eu encontre a Imagem que, entre mil conviesse ao meu desejo. Eis um grande enigma do qual nunca terei a solução: por que desejo Esse? Por que o desejo por tanto tempo, languidamente? É ele inteiro que desejo (uma silhueta, uma forma, uma aparência) Ou é apenas uma parte desse corpo? E nesse caso, o que, nesse corpo amado, tem tendência de fetiche em mim? (BARTHES, 2018, p. 31).

Por isso, há uma certa consonância da clínica da vida amorosa com a da clínica da angústia, vez que o amor gera dúvidas acerca do desejo do Outro: o que ele quer desse lugar do eu? ou ainda: que objeto sou para o desejo do outro? A angústia surge quando noto um perigo, a possibilidade do outro me perder, logo, de perdê-lo. Como já mencionado anteriormente, a angústia surge sempre que não

conseguimos interpretar o que um Outro a que nosso desejo está concernido deseja, ou seja, quando não sabemos que objeto somos para o desejo do Outro.

Se aplicarmos o que aprendemos com Barthes ao dispositivo analítico, veremos por que a análise tem uma dimensão de angústia. O analisante fica diante do desejo do analista, com o “*Che vuoi?*” Isso se o analista não responder ao amor que o analisante lhe endereça, afinal, mais tarde no Seminário ...*Ou pior*, Lacan (1971-1972) desenvolverá: “*Peço-te que me recuses o que te ofereço, porque não é isso*”, para lembrar que o que motiva uma demanda é precisamente aquilo que não se pode falar.

A primeira condição é da ordem de um enigma; a segunda é que o analisante se sinta concernido pelo desejo que o analista encarna, de modo que a análise vá ao encontro do recalque, via cenas *das Unheimliche*. Como dito anteriormente, a cena serve para escutar o que do desejo a sustenta, visto que segundo a tese freudiana defendida por Lacan, recalcamos um desejo porque não nos permitimos ter esse desejo, logo, o único modo de fazê-lo surgir é pela escuta da cena.

Embora não seja qualquer um, não é apenas um único homem ou uma única mulher que o sujeito pode vir a amar, mas uma série de parceiros amorosos substituíveis, intercambiáveis. Lacan, *a propósito do filme escrito por Duras e dirigido por Alan Resnais, Hiroshima Monamour*:

essa é uma história perfeita para nos mostrar que qualquer alemão insubstituível pode encontrar de imediato um substituto perfeitamente válido no primeiro japonês encontrado numa esquina de rua. O problema do luto é o da manutenção, no nível escópico, das ligações pelas quais o desejo se prende não ao objeto *a* mas à *i(a)*, pela qual todo amor é narcisicamente estruturado, na medida em que esse termo implica a dimensão idealizada a que me referi (LACAN, 2005, p. 363-364).

Os (des)caminhos de uma análise se iniciam com o candidato à analisante dizendo de algo que imaginariamente lhe falta, mas a direção do tratamento ao nomear o desejo faz surgir o sujeito como um desenvolvimento dialético de seu curso, retirando o analisante do lugar de objeto e colocando-o no de sujeito a ser interrogado. Como pode o sujeito libertar-se dessa sujeição ao Outro quando está o tempo inteiro buscando localizar o que o Outro quer a respeito deste lugar do eu? Dai a re-

volução que o conceito de objeto tal qual formulado por Lacan traz para a clínica. Não se trata mais de pensar a travessia da fantasia e do desejo do Outro, mas de tomar a clínica de modo radicalmente novo e para além da castração.

O sujeito é o que se constrói no processo analítico, na medida em que o eu vai topando separar-se de seus outros históricos, das ligações pelas quais o desejo se prende não ao objeto *a*, mas à *i(a)*, pela qual todo amor é narcisicamente estruturado, na medida em que esse termo implica uma dimensão idealizada (LACAN, 2005).

Não há relação especular, intersubjetividade em jogo numa análise, dado que o lugar do analista é o de causa de desejo.

Que seu corpo se preste para a investitura amorosa tomando o lugar de causa de desejo; que ponha sua veias e seu sangue para que opere o amor de transferência e para que o sujeito possa chegar a reconhecer seu desejo como falta a ser. Terá que emprestar não apenas seu ser e suas palavras mas também sua imagem, entregar-se como *i(a)*, como outro especular, pois a imagem especular é o canal que toma a transfusão da libido do corpo para o objeto. É a razão pela qual não há análise sem encontro dos corpos: a transferência requer suporte imaginário, um suporte que se sublinhe mais do que se apague (BRAUNSTEIN, 2007, p. 299).

Não é o eu do analista que interpreta o dizer do analisante, por isso ele deve suspender os seus valores, julgamentos, opiniões, em suma, seu eu, para que sua escuta se dê em atenção flutuante e ele possa se afetar pela fala do analisante sem querer compreendê-la, tampouco explicar o que pensa. A interpretação fala por meio do analista, contudo, não é dos aspectos imaginários de sua subjetividade que ela surge, mas do encontro das associações do paciente com um vazio de referências do analista, que é o que sustenta o analista em sua escuta da alteridade.

Como sustenta Fingermann:

Suportar a psicanálise é, a cada vez, reinventá-la - essa declaração não é um mero efeito retórico, é uma posição ética. Não há relação de continuidade entre o psicanalisante e o psicanalista que ele pode se tornar, não há reprodução da experiência,

nem prolongação, nem identificação. O que se inicia, a cada vez, é um momento inaugural que recomeça a psicanálise e que começa pela transferência. (FINGERMANN, 2016, p. 66)

A transferência, transposição do inconsciente no dispositivo analítico, é a condição sem a qual uma análise não acontece. Uma análise visa à (re)construção da história do sujeito, que por meio da fala em transferência pode recuperar recordações perdidas. O analista como alvo da transferência é suporte da repetição do recalque do analisante, o qual lhe endereça significantes que costuma atribuir aos outros de sua história. Assim, alguém que se endereça ao pai bravo, em consequência, terá um analista bravo, não porque ele efetivamente o seja, mas o sujeito só consegue receber sua mensagem de forma invertida.

6. Considerações Finais

Ao longo da pesquisa, buscamos investigar as consequências clínico-teóricas da formalização do objeto *a* enquanto *causa de desejo* para o lugar do analista na transferência. Escrevemos a presente para dar conta dos impasses com que nos vemos às voltas na experiência de clinicar, a partir do lugar de causa (ELIA, 2000). O que, afinal, a teoria diz sobre a prática do analista? Como é *ensinado* que o analista se posicione transferencialmente a partir do que escuta? Como nos sentimos diante do que escutamos no consultório? E o que fazer com isso? Sono, tédio, nojo, vergonha são considerados formações reativas, bem como, afetos da contra-transferência para os pós-freudianos e, embora, para os lacanianos também o sejam, tratam-se também de afetos de resistência que precisam ser trabalhados em análise e supervisão, a favor do pensar metapsicológico. Além disso, partimos do princípio de que tratamento, pesquisa e teoria são inseparáveis, conforme bem disse Freud (1912/2017).

Optamos em investigar a formalização do objeto *a* em 1962-1963, dado que representa o esforço laciano em formular a condição do conceito na psicanálise de só poder ser pensado em articulação com a experiência clínica, para que, no limite, se detenha na abertura, possibilitando a psicanálise um potencial de permanente reinvenção (DARRIBA, 2005). O objeto *a*, tal como *das Ding*, tem um oco, um vazio impreenchível que por sua vez é a causa de todo o movimento em torno dos semblantes de *a*. *Das Ding*, como notamos no primeiro capítulo, é aquilo que cai do encontro do sujeito com o *Nebenmensch*, o outro com que a criança passa a viver os impasses do amor. O encontro do sujeito falante com a linguagem deixa um resto impossível de ser simbolizado, que depois passa a conduzir toda a busca do sujeito em direção a esse objeto mítico sem, jamais, alcançá-lo, porque fazê-lo, implicaria a morte. Há que se mencionar uma conexão da pulsão de morte com *das Ding* e o objeto *a* que não tivemos tempo nem fôlego de nos deter nessa pesquisa.

Assim, para atingir os objetivos a que nos propusemos, percorremos o estatuto do objeto em dois momentos diferentes da teorização lacianiana: primeiro em 1959-1960 com o resgate de *das Ding* do Projeto de Freud e, então, com a formalização do objeto *a*, considerando uma relação de continuidade entre os dois conceitos. O real e a falta é o fio condutor de *das Ding* e o objeto *a*. Acompanhamos com

Darriba (2005) o percurso de Lacan que vai da falta de objeto a invenção de um objeto que inclua a dimensão da falta com o objeto *a*, que a cada encontro com o objeto reencontrado se caracteriza por um “*não é isso*” e “*não é isso outra vez*” que se marca a cada reencontro com o objeto reencontrado.

Em relação ao real, Lacan (2005), conceitua o registro como um furo no simbólico, dado que escapa à qualquer simbolização e imaginarização, deixando um resto. O sujeito para entrar na Linguagem, precisa abrir mão de um gozo, impossível de simbolizar, de modo que durante toda sua vida, tentará recuperar esse gozo perdido. No intervalo entre um significante S1 e S2 há um resto in-significante, o objeto inalcançável que causa o desejo e representa o gozo perdido sob a forma de uma mais de gozo. Ou seja, o resto da operação significante retorna como causa na experiência, assim, esse passa a se referir a experiência a cada vez reedita pelo sujeito da falta do objeto.

Lacan se utiliza do objeto *a* para dizer do que causa o sujeito em sua eterna re-petição do mesmo, bem como para dizer do lugar do analista na transferência. De saída sustenta que o analista não pode assumir essa função com sua pessoa, mas como causa, de modo a causar no sujeito que está falando, a vontade de saber qual sua responsabilidade subjetiva naquilo de que se queixa. Mas o que seria essa responsabilidade subjetiva? Não se trata de ajustar a vida libidinal do paciente, querendo seu bem, mas de uma convocação ética para que o sujeito compareça, responsabilizando-se pela desordem de que se queixa.

O “Esquema de Bouasse” trabalhado brevemente no capítulo 2, ajudou a compreender como o eu se forma a partir do outro, ou seja, o eu é um outro. O momento de constituição do “*moa*” para Lacan (1945) equivale a formação do eu em Freud (1914), que em “*Introdução ao Narcisismo*” diz que o eu se toma como objeto do investimento libidinal, ou seja, o eu é um objeto a ser investido libidinalmente. Se para os pós-freudianos o objetivo de uma análise é o fortalecimento do eu, para os lacanianos deve-se separar o “eu” (“*moa*”) do sujeito (“*Je*”), buscando marcar os momentos de aparição do sujeito, entre um significante e outro.

Ninguém chega preparado para um análise lacaniana, é necessário que o analista consiga transmitir o que é uma análise e como esse dispositivo opera. A

maioria das pessoas chega buscando alívio rápido dos sintomas e não uma responsabilização subjetiva por aquilo de que se queixa - ou ser cortado em cinco minutos de sessão por *causa* de um ato falho. Neste aspecto, a escuta das cenas *das Unheimliche* é de suma importância para escuta do desejo por trás da cena, dado que porque há recalque há uma dificuldade fundamental em di-zer o que se deseja. O matema (- ϕ) corresponde a angústia de castração que aparece quando o objeto do desejo ocupa o lugar da falta, daí, angústia. Logo, o sujeito se angústia quando a falta vem a faltar.

A clínica não é sem angústia, logo o posicionamento do analista não deve ser o de aplacar a angústia, mas manejá-la de modo que o analisante possa reposicionar-se em relação aos seus objetos, bem como ao seu fantasma e gozo. Não se trata do “atravessamento” do fantasma nem queda do desejo do Outro, como outrora se acreditou, mas um lidar de outro modo com as contingências da vida, podendo fazer da castração uma amiga.

Como o leitor deve ter notado, não exaurimos a teorização dos conceitos como *das Ding*, objeto *a*, angústia, real e *das Unheimliche*, que nos propusemos a trabalhar nesta investigação, dada temporalidade do Trabalho de Conclusão de Curso. Antes da pesquisa, acreditávamos que algumas articulações seriam mais dadas, quando, na verdade, precisaram de muito estudo, escrita e pesquisa. Desse modo, não nos aprofundamos na relação entre falta, vazio e real. Afinal, qual articulação possível entre os referidos conceitos? Não soubemos fazer da castração nossa amiga e escolhemos articular conceitos complexos, sendo que cada um desses mereceria um percurso de pesquisa inteiro, tal como Gonsalves (2021) o fez em sua pesquisa de mestrado, “Os *desdobramentos do infamiliar em Freud e Lacan*”. Passar por essa experiência ensina para as próximas, menos é mais.

Há que se mencionar que saímos causados a melhor investigar a relação de *Das Unheimliche* com o objeto, sobretudo, a escrita de Duras, que transmite *das Unheimliche*, em outros termos, recorta o real da experiência. Notamos que escrever é um recurso privilegiado para dar conta da experiência de clinicar, assim, esperamos investigar o aspecto real da escrita em pesquisas futuras.

7. Referência Bibliográficas

BATTISTA, Julieta. **Advento do desejo do analista**. Encontro Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (IF- EPFCL). Barcelona, set/2018. Disponível em: <<https://www.champlacanian.net/public/docu/4/rdv2018pre11.pdf>>.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

BRAUNSTEIN, Néstor. **O gozo na experiência e teoria psicanalítica**. São Paulo: Escuta, 2007.

COTTET, Serge. **Freud e o Desejo do Psicanalista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

DARRIBA, V. **A falta conceituada por Lacan: da Coisa ao objeto a**. Rio de Janeiro: *Ágora*, V. VIII, n. 1, p.63-76, jan./jun. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/WjZpc7V4rQJTg89TvMwftzS/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: jun. 2023.

DURAS, M. **Escrever**. (Luciene Guimarães de Oliveira, trad.). Belo Horizonte: Relicário, 2021.

ELIA, Luciano e ALBERTI, Sonia. **Psicanálise: clínica & pesquisa**. In: ALBERTI, S.; ELIA, L. (orgs.). *Clínica e Pesquisa em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000, p. 19-36.

ELIA, L. **O "Averso da Psicanálise" e a formação do analista**. In: JORGE, M.; RINALDI, D. (orgs.). *Saber verdade e gozo: leituras de O seminário, livro 17, de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002, p.33-41

FARIA, Michele. **Real, simbólico e imaginário no ensino de Jacques Lacan**. São Paulo: Toro Editor, 2019.

FINGERMANN, D. **A (de)formação do psicanalista: as condições do ato psicanalítico**. São Paulo: Escuta, 2016.

FREUD, Sigmund. (1890) **Projeto para uma psicologia científica**. In: _____ . *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006, p. 335-454.

_____ (1912/2017). **Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico**. Em S.Freud, *Obras Incompletas, volume fundamentos da clínica psicanalítica (1890/1937)*. (Claudia Dornbusch, Trad., pp. 93-107). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____ (1920/2020). **Além do Princípio do Prazer**. Em S. Freud, *Obras Incompletas*, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

_____. (1925/2019) **A negação**. In: *Obras Incompletas, volume Neurose, psicose perversão*. [Trad. Maria Rita Salzano Moraes] São Paulo: Grupo Autêntica, 2019.

_____. (1919/2020) **O Infamiliar e outros escritos**; seguido de O homem de areia/E.T.A Hoffmann; tradução Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares [O homem da areia; trad Romero de Freitas]. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GARCIA, Luiz. **Despertar do real: a invenção do objeto a**, 2015. 199f. Tese (Mestrado - Programa de Pós-Graduação do departamento de filosofia. Área de concentração: filosofia) -) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-22082016-111115/publico/2015_LuizFernandoBottoGarcia_VOrig.pdf>.

GOBBATO, Gilberto. **Transferência: amor ao saber**. Ágora, Rio de Janeiro, V. IV, n. 1, p. 103-115, jan./jun. 2001.

GOMES, Julia. **O conceito de real em Lacan: de *Das Ding* ao objeto a**, 2024. Tese Mestrado - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Disponível:<<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/17480>>.

GONSALVES, Rodrigo. **Os desdobramentos do Infamiliar em Freud e Lacan**, 2021, Tese (Mestrado - Programa de Pós-Graduação do departamento de Psicologia. Área de concentração: Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2021. Disponível em:<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-24072021-140215/publico/gonsalves_corrigida.pdf>.

IZCOVICH, Luis. **Angústia: enigma e certeza**. Trad. de Lia Silveira. Stylus Revista de Psicanálise São Paulo no 49 p. 11-28 dezembro 2024. Disponível em: <<https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/1172/745>>

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 4: relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1995.

_____. **O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,

_____. **O seminário, Livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. **O seminário, Livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

_____. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1988.

_____. **Intervenção sobre a transferência** [1951]. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.214-225.

_____. **Ato de fundação.** [1964]. In: Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 235-247.

_____. **Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola.** [1967]. In: Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 248-264.

_____. **A Direção do Tratamento e os Princípios de Seu Poder** [1958]. In: Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, pp. 591-652.

_____. **Subversão do sujeito e dialética do desejo** [1960]. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 807-842.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

RONA, Paulo Marcos. **O significante, o conjunto e o número.** São Paulo: Annablume, 2012.

SILVA, N. **A noção de objeto na psicanálise freudiana (2006).** *Ágora* (Rio J.) 4 (2)
• Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982001000200003>>.

SOLER, Colette. **Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: seminário A angústia de Jacques Lacan;** trad. Elynes Barros Lima, Lia Carneiro Silveira, Sonia Maria Coni Campos; revisão da tradução Andréa Hortélio Fernandes e Dominique Fingermann. São Paulo: Escuta, 2012.

TEIXEIRA, A. M. R. (1999). **O topos ético da psicanálise** Porto Alegre, RS: EDI-PUCRS.

TORRES, Ronaldo Silva. **Do ato psicanalítico ao discurso do analista: a estrutura do campo lacaniano.** Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-15082013-095615/publico/torres_do.pdf>.